

ASAS BRASIL



A MÃE DE DOM BOSCO

"O futuro dos Filhos
é obra da mãe". — Napoleão

"A vocação sacerdotal é um dom
de Deus, mas um dom que passa, pelo
coração da mãe. " – Card. Subar"

oOo

IN CRUCE SALUS ET VITA

Arquidiocese de Fortaleza

60.000 – Fortaleza-Ceará

Em 22.02.78

Revdo. Pe. Osvaldo Venturuzzo:

Com minhas felicitações, por mais um lançamento na coleção de ASAS
BRASIL, meu agradecimento, pelo envio do bem elaborado livrinho "JU-
VENTUDE !... FORTE !... VENÇA !... .

A nossa juventude muito carece de apóstolo e desse gênero de pastoral.
Cordialmente

Do Aloisio Card. Lorscheider
(Presidente da CNBB-CELAM)

**A
MÃE
DE
DOM BOSCO**

"Christo... através dos legados
testemunha... da fé... exerce
o seu munus" - Vat. II, LG: 38

ASAS BRASIL

**EDIÇÃO
1985**

A
MÃE
DE
DOM BOSCO

"Cristo. . . através dos leigos
testemunha. . . dá fé. . . exerce
o seu munus. "—Vat. II, LG: 35

ASA8 BRASIL

EDIÇÃO
1985

APRESENTAÇÃO

Na recente ida à Europa, de modo particular na terra de D. Bosco, se teve a impressão que talvez, mais do que ninguém as senhoras mães poderiam favorecer a solução de tantos e tamanhos problemas humanos e sociais.

1. Isso explica também a compilação dessas notas, que afundam suas raízes e se alimentam, quase por completo, no que já divulgaram, sabiamente, os neo-sacerdotes salesianos de 1956, com a introdução de Pio XII, enquanto, achou-se de finalizar, com a tradicional orientação de VIDA CRISTÃ.

2. A divisão, em quatro partes (Jovem Exemplar-Espôsa Dedicada-Filho Digno-Tarefa Heróica), como os subtítulo, outrossim, qual homenagem à viagem terrena de Mamãe Margarida (1788-1856), se reduzem, como de costume, a ponto de referência, etc., forçando até a desejável lógica.

3. E se a 1ª e 2ª. Parte compreendem dados e pequenos sucintos episódios da vida da Mãe de D. Bosco, a 2a. refere-se, de modo acentuado, ao Santo dos Jovens, para a última evidenciar a edificante descomunal colaboração de sua PROGENITORA.

Oxalá que essa módica fadiga seja uma pista para outros fazer mais e melhor, no delicadíssimo momento atual, que a HUMANIDADE atravessa.

Guiratinga, 7/X/77 — Liturgia de Na. Sra. do Rosário

Os Compiladores.

Apresentação	3
INTRODUÇÃO	7
I Parte — JOVEM EXEMPLAR	9
II Parte — ESPOSA DEDICADA	21
III Parte — FILHO DIGNO	34
IV Parte — TAREFA HERÓICA	65
PRECES	87

oOo

“... os pais devem dar aos filhos o melhor tempo à sua disposição, em vez de dissipá-lo, longe deles, em distrações perigosas, ou em lugares para onde se envergonhariam de levá-los”. — Pio XII

**A
MÃE
DE
DOM BOSCO**

oOo

“ . . . com quanta sabedoria essa simples camponesa. . . guiada pelo Espírito Santo, educou seu filho no mais completo. . . alto sentido da palavra. . . ”

— Pio XII

Não há coração humano que não
vibre de entusiasmo e de afeto
ao pensar na figura meiga e
bondosa daquela que lhe
transmitiu a EXISTÊNCIA"

— Neo-sacerdote Salesianos
São Paulo, Novembro 1956
Instituto Teológico Pio XI

INTRODUÇÃO

Na audiência de 31 de janeiro de 1940, S. S. Pio XII, recebeu uma grande multidão de fiéis, entre os quais muitos casais novos, dirigindo-lhes um significativo discurso do que só uns tópicos:

1. "a mãe que ele (D. Bosco) teve explica em grande parte o pai que ele foi para os outros.

Imaginei aí a jovem viúva com três filhinhos ajoelhados durante a oração da manhã e da noite!

Vede-os semelhantes a anjinhos, com seus trajes domingueiros, que ela tirou cuidadosamente do armário, para irem ao povoado de Murialdo assistir à Santa Missa.

À tarde, após a frugal refeição, na qual o único doce era um naco de pão bento, ei-os reunidos ao redor dela.

Lembra-lhes os mandamentos de Deus.

- da Igreja. . .
- as grandes lições de catecismo. . .
- os meios de salvação.

oOo

2. Depois conta, com a poesia delicada das almas puras e de imaginação popular, a trágica história do manso Abel.

- do perverso Caim. . .
- o idílio de Isaac e Rebecca. . .

— o mistério inefável de Belém, a morte dolorosa do Bom Jesus, crucificado por nós no Calvário.

Quem poderá medir a influência profunda dos ensinamentos maternos. A eles D. Bosco, já sacerdote, atribuía a sua terna e confiante devoção a Mara SS. e à Hostia Divina, que outro sonho lhe mostrou, mais tarde, como as duas colunas, nas quais as almas dos seus alunos, açoitados como frágeis embarcações no mar tempestuoso do mundo, deviam ancorar firmemente, afim de encontrar a salvação e a paz.

oOo

3. A melhor lição é sempre a do exemplo.

No casário dos Becebi, Mamãe Margarida não fazia muitas exortações ao trabalho.

Mas, como desaparecera o chefe, da família, a corajosa viúva manejava pessoalmente o arado, a foice, o relho e com o seu exemplo assim se lê fatigava até os homens contratados para a jornada, durante o tempo da ceifa ou da debulha.

Formado na escola, Joãozinho, na idade de quatro anos, já tomava parte no trabalho comum, desfibrando as hastes de canhamo. . .”

oOo

“Que cada uma de vós caminhe adiante com o seu exemplo e auxílio, acompanhando e animando as outras.

Nem todas podeis fazer tudo, nem a cada uma é dado trabalhar na mesma medida e com o mesmo fruto; mas cada uma de vós tem aquela arte gentil e poderosa, que é capaz de conquistar as almas para a boa causa: a causa de JESUS CRISTO” — Pio XII.

I Parte

JOVEM EXEMPLAR

1. Asti
2. Piemonte
3. Primavera
4. Festas
5. Moços
6. Napoleão
7. Rincão
8. Mundo
9. Murialdo
10. Bosco

“Não é suficiente desejar a virtude;
é preciso trabalhar, para praticá-la;
àspere é a luta, mas será lindo e
consolador o triunfo”. — M.C. Merloni

oOo

“Querer bem a todos, sem particularidade,
compreensão, bondade benigna e condescendente”
— M. Clélia Merloni

Capriglio é um encanto de aldeola piemontesa dependurada na ençosta de uma das múltiplas colinas que rodeiam a planície de Monferrato.

1. ASTI

Formam um verdadeiro rosário estas aldeolas de casas desalinhas, como buracos gigantes de ratos, que surgem do solo a pouca distância uma da outra.

Nestas ondulações amadureceram os mais célebres vinhos da Itália, pois nos achamos em plena região de Asti.

Quinhentas a seiscentas almas povoam a aldeia.

Suas casas são esparramadas: se bem que a maioria delas se ajuntam ao redor da Igreja, há granjas e quintais que se distanciam meia hora da Paróquia.

2. PIEMONTE

Neste rincão de verdes arvoredos, neste oásis de paz e silêncio, isolado de todos os grandes centros, nasceu, em 1º de abril de 1788, a pequena, cuja história passamos a narrar.

Na pia batismal, para onde, segundo os costumes do Piemonte católico, levaram-na no mesmo dia do nascimento, recebeu o nome de Margaridada; Margarita Occhienna filha de Melchor Occhienna e de Domingas Bossone.

3. PRIMAVERA

Seus pais eram camponeses remediados, que tinham então dois filhos, aumentados depois com mais outros dois.

Os exemplos que deles recebeu foram excelentes, a julgar por alguns fatos de sua juventude que, depois de sua morte, sessenta anos mais tarde, contava D. Bosco.

Esses demonstram uma força de vontade pouco comum, uma "findeza de espírito" particular e, sobre tudo, uma vigilância de coração muito cristã.

Quando chega a Primavera, toda essa região de Monferrato é uma maravilha.

As colinas se cobrem de densas folhagens, as vinhas estendem seus sarmentos enquanto nos valesinhos estreitos verdejam as pradarias onde pasta o gado.

Em tôdas as direções há lugares para passeios que seduzem a juventude irrequieta.

Amiúde, nos domingos à tarde, as amigas de Margarida, almas volúveis e dissipadas, procuravam associá-la a seu bando buliçoso.

oOo

4. FESTAS

— Mas, vamos logo, Margarida; voltaremos antes que anoiteça.

— Agradecida. Não insistam.

— Porquê?

— Prefiro ficar em casa com meus pais.

— Um passeiozinho não faz nunca mal.

— É verdade.

Mas já dei o meu está manhã, ao ir à Missa; quatro quilômetros de ida e volta, é bastante.

E deixava partir essas cabecinhas ôcas.

oOo

Naqueles tempos, as festas dos lugarejos, atraíam para sí a mocidade das aldeias vizinhas, que iam em grupos sobretudo para o baile.

Estes se realizavam geralmente nas praças públicas, e dois ou três músicos contratados para a circunstância animavam os dançarinos, até o anoitecer, e mais tarde ainda.

O perigo de semelhante diversão pode ser grave, e maior ainda a volta destas jovens, de noite, por caminhos desertos e escuros.

As moças ajuizadas de Caprúgio percebiam isto instintivamente e se abstinham do baile.

Em cada nova ocasião, as amiguinhas voltavam à carga. Com palavras adocicadas como convinham à circunstância, paravam em frente à casa de Occhienna.

— Margarida, vens desta vez?

— A onde vão tão arrumadas?

— A Buttigliera, onde há festa.

— Vamos ao baile, haverá boa música e nos divertiremos muito.

- Não. Agradecida.
- Mas, por quê?
- Se eu digo irão se zangar.
- Diz e.
- Pois bem. Quem quer se divertir em companhia do diabo, não poderá pretender um dia ser feliz em companhia de Jesus Cristo. Margarida deixava suas companheiras tão desapontadas, que, não raro, algumas voltavam para casa.

oOo

5. MOÇAS

Era um jovem atraente, este piemontesinha.

O ar puro dos campos, os trabalhos da fazenda, uma alimentação sóbria, porém, sã, davam às maçãs do rosto e a toda sua pessoa, este aspecto de saúde, essa frescura que é o encanto da mocidade.

Ainda mais, era ajuizada.

Sobressaía dentre as outras por um virtude francamente simpático, alegre, aberta, sem artifícios.

Por isto alguns a invejavam, outros queriam desposá-la.

Eis porque, cada domingo, no momento de sair da segunda missa à qual ia sozinha, porque seus pais tinham assistido à primeira, ela encontrava a dois passos de sua casa, um grupo de moços que queriam acompanhá-la até a Igreja.

Nada lhe era tão desagradável.

Como livrar destes importunos? Ocorreu-lhe uma idéia: sair antes da hora costumada.

A companhia molesta, cansada de esperar, voltava para casa, ou com sobrecenhos carregados ia à Igreja.

Mas o truque foi descoberto.

De novo os enfadonhos moços instalaram-se à porta da casa de Margarida, meia hora antes de sua saída.

Que fazer?

Respondeu amavelmente às saudações dos moços, e, apressada, quase correndo, pôs-se a caminho da Igreja.

Durante os primeiros minutos os moços conseguiram acompanhá-la.

Quanto mais andava, ela alargava os passos, acontecendo que os campônios, um tanto pesados e, além disso, embaraçados pelos seus trajes domingueiros, começavam a bufar para manter-se junto dela.

Aos poucos compreendiam que correndo assim atrás da moça (que ainda ria deles às escondidas) desempenhavam um papel de bobos, e davam-se por vencidos.

A volta da Igreja era mais fácil: Margarida vinha junto com uma velhinha célebre por suas repreensões ásperas e respostas enérgicas.

Com ela não precisava temer nada.

Sua presença constituía um seguro escudo.

Compreende-se que esta menina era tanto avessa quanto virtuosa. Tão pouco era medrosa.

oOo

6. NAPOLEÃO

Eis aqui um fato que o comprova.

Naquela época-1804 — o Piemonte, com sua planície imensa, ali era um campo cerrado onde tôdas as nações aí se batiam.

Alguns anos antes, Napoleão havia desenrolado alí mesmo sua brilhante campanha da Itália.

Naquele ano, uma nova ofensiva do inimigo, atraía para a região de Asti destacamentos de tropas austríacas, que naturalmente viam à custa dos lavradores.

Uma tarde de outono, Margarida colocara na peneira para secar umas espigas de milho, colhidas na véspera, quando a dois passos de sua casa surgiu um pelotão de cavalaria.

Aparearam os homens no campo vizinho, e soltaram os cavalos, que atraídos pelo cheiro do milho novo precipitaram-se sobre ele.

Diante deste espetáculo Margarida não se pode conter; enfiou-se entre os cavalos, e com gritos e palmadas, tratou de espantá-los.

Mas, o milho estava muito saboroso e os magros cavalos prosseguiram sem se incomodar, na sua merenda, diante dos olhares dissimulados da tropa.

Voltando-se então para os soldados, a jovem repreendeu-os no seu

dialeto, ridicularizando-os de sua indisciplina e tratando-os duramente; êles que não entendiam nem uma palavra de piemontês, divertiam-se ao ver a fúria da camponesa.

Margarida compreendeu então que devia se arranjar sózinha; empunhando uma forquilha, pôs-se no meio dos cavalos, golpeando-os, primeiro com o cabo, depois com o garfo nas ancas e nos focinhos dos animais até por fim ao banquete improvisado.

Ao verem os cavalos espantados pelo campo, os soldados foram-lhe ao encontro e os amarraram, fortemente desta vez, nas árvores vizinhas, o que deviam ter feito desde o começo; nunca porém teriam suposto que uma camponesa de 16 anos seria capaz de enfrentar a invasão de seus famintos animais.

Era porque não a conheciam. . .

oOo

7. RINCÃO

Esta moça que se nos apresenta tão vivaz e às vezes tão prudente, tão piedosa e tão valente, não pensava senão no seu rincão perdido de Capríglio, em viver como até aquele dia.

Sentia-se muito bem, se crescesse, avançasse em anos e envelhecessem no meio dos seus caros, atenta às suas necessidades e saúde, cuidando com carinho dos sobrinhos que o céu provavelmente enviaria às suas irmãs e irmãos. Nenhuma ambição morava nesse coração de cristã, pelo contrário desejava prosseguir obscuramente nesta vida de trabalhos, regulados pelo arranjo diário da casa, e pela sucessão das quatro estações.

Mas o céu havia disposto de outra maneira.

oOo

8. MUNDO

O mundo muda pouco.

Há um século atrás, nas campinas piemontesas, os moços julgava as jovens do mesmo modo como hoje em dia.

As moças dissipadas, levianas, propensas às diversões servem para entreter.

Aceitavam-nas como companheiras de lazer, para encher as horas de esposa, por medo de construir com elas a própria desgraça.

oOo

9. MURIALDO

Em Murialdo, a aldeia mais próxima, um bom homem, chamado Francisco Bosco tinha ficado viúvo no ano anterior; casara muito jovem, aos dezoito anos, já tinha um filho que em 1812 contava oito anos.

A preocupação que lhe dava este pobre órfãozinho redobrava pelo estado de saúde da velha mãe inválida.

Possuía alguns hectares de terrenos, três animais no estábulo com dois empregados, mas a esposa, a dona da casa, fazia demasiada falta nesta humilde casinha dos Bocchi.

Resolveu casar-se de novo.

Foi, então que lhe segredaram um nome ao ouvido, Margarida Occhienna pois a virtude e a boa fama não permaneceram encerrados dentro dos limites de sua aldeia.

oOo

10. BOSCO

Ainda mais, lá por Capríglio citavam, como uma pedra preciosa, esta jovem de 23 anos.

Como eram frequentes as visitas de um povoado ao outro, Francisco Bosco pôde comprovar por si mesmo, que o referente a esta criatura, a realidade igualava, pelo menos a fama.

Um dia a pediu em casamento.

Consultada, Margarida recusou.

Não se cria feita para este estado de vida.

Seu pai aconselhou: o partido era excelente; Francisco era um perfeito cristão e possuía alguns bens; sua mãe enferma era a melhor das anciãs, amável e resignada como nenhuma outra; e quanto ao menino, dar-lhe logo uma mãe era uma obra de caridade.

Margarida resignou-se.

Seu coração compreensivo comoveu-se ante o menino que crescia sem mãe e diante desta pobre velhinha que certamente precisava de muitos cuidados.
Aceitou.

oOo

"Educai a Juventude FEMININA. . . naquela elevada e santa dignidade, que constitui tão franca e poderosa defesa da integridade física e espiritual.

Essa virtuosa e indomável altivez é uma grande glória do espírito, que não se deixa reduzir à escravidão. . . robustece o vigor moral da mulher, a qual, intacta, não se dá senão só seu esposo, para a função da FAMÍLIA ou a DEUS. . ." — Pio XII.

oOo

oOo

oOo

oOo

OS DEZ MANDAMENTOS DA CONTINÊNCIA:

I. Não comas demais de uma vez. Janta umas horas antes de te deitares. Serve-te no jantar de alimento leve e de fácil digestão.

oOo

II. Não bebas licores. . . nem muito chá ou café.
Não comas pratos muito condimentados nem muita carne.

oOo

III. Dorme em quarto arejado, sobre leito duro ao lado direito, com leve coberta ou cobertor. . . não te sirva de cobertor quente, etc. . .

oOo

V. Evita ficar na cama, pela manhã. . . levanta-se logo ao acordares e foge da moleza.

oOo

VI. Fiscaliza o asseio da pele, tomando banho de acordo com o precisar de uma conveniente limpeza e higiene, a favorecer a mesma saúde.

oOo

VII. Faze muito movimento. . . ama a natureza. . . pratica o desporto. . . sem perigo, porém.

oOo
Faze todos os dias pelo menos, meia hora de exercício a pé.

oOo

VIII. Evita os livros, as revistas e quadros obsenos, as companhias de conversas imorais. . . os lugares de diversão. . . as danças indecentes.

oOo

IX. Esforça-te por citar em ti e em volta de ti atmosfera de pureza moral; é o mais seguro preservativo contra as tentações.

oOo

X. Pede a Deus que te faça intimamente unido a Ele. . . Toma resoluções. . .

Conta com a Graça Divina. . .

Vive na convicção que está na presença de Deus, pois Nele, nos movemos, existimos e somos”.

oOo

“ . . . oração humilde, assídua, fiel, viril, confiante, alegre; que ilumina a mente, dá clareza ao olhar, vigor à vontade” — Paulo VI.

oOo

“luto, mas sempre levanto vitoriosamente, a cabeça, sobre as vagas” — lema de Zelândia.

oOo

“Prossegui, pois, com ânimo alegre, no vosso caminho, em nome do SENHOR.

Cristo — Rei e a Virgem Imaculada estão convosco.

Confiai!

Cristo venceu o mundo. . . que Ele se digne infundir em vossos
corações, com plenitude superabundante, o conforto. . .

— a coragem. . .

— o valor. . .

— a esperança serena na VITÓRIA. . . — Pio XII.

II Parte

ESPOSA DEDICADA

11. Fogos.
12. Orfão
13. Becchi.
14. Castelnuovo
15. Pão
16. Mendigos.
17. Escola
18. Irmãos
19. Sofrimento
20. Antônio.

“Grande é a tarefa da mulher,
empenhada. . . nos valores do
espírito. . . defesa única de
sua nobreza e força, para
se conservar na altura
de sua missão”. —

— João XXIII.

No dia 6 de junho de 1812, na Igreja de Capreglio, uniu seu coração ao de Francisco Bosco.

11. FOGOS

Na véspera, segundo o costume local houve ao redor da casa explosão de foguetes, brincadeiras, muita alegria ruidosa.

Pela manhã do casamento, ao pé do Santo Altar, rodeados por seus parentes e amigos, no silêncio da humilde igreja, havia tão só dois cristãos conscientes da gravidade dos juramentos que iam pronunciar.

Buscavam na Eucaristia a força necessária para aceitar e cumprir os deveres de seu novo estado.

Neste mesma tarde o casal Bosco se localizou nos "Becchi", grupo de casa dependentes da aldeia de Murialdo, município de Castelnuovo.

Becchi espalha seus oito ou dez fogos no alto de uma dessas suaves ondulações que sulcam a planície depois de Chieri.

Algumas casitas de trabalhadores da lavoura, a confortável vivenda de uma lavradora abastado, algumas pastagens que crescem pelas encostas da colina, um forno grosseiro diante das casas, e por toda a parte, até onde a vista alcança, um ondular de colinas, com uma ou outra pequena mata, em que se refugiavam outrora os desertores dos exércitos napoleônicos: esse é o quadro em que se nos apresentou a minúscula aldeia.

Bem de frente, numa língua de terreno que fecha o horizonte, ao oriente, a torre da Igreja de Buttigliara, a dominar a paisagem como um dedo apontado para o céu.

Nesta moldura encantadora, Margarida Bosco experimentou 5 anos de pura felicidade.

O céu abençoou sua união e lhe deu dois filhos.

José, nascido a 8 de abril de 1813, e João, vindo ao mundo no dia 16 de agosto de 1815.

Este último, cuja história durante 40 anos se mescla com a de sua mãe, será o fundador da grande família Salesiana, um Santo — São João Bosco.

Toda esta ninhada de generosos corações, vivia feliz no rincão da terra piemontesa, ocupados em seus afazeres cotidianos quando a desgraça veio cair sobre a jovem família.

12. ORFÃO

Numa tarde de maio, Francisco Bosco, depois de um dia penoso de trabalho que o tinha deixado imerso num banho de suor, cometeu a imprudência de entrar na adega do proprietário vizinho, que era seu patrão.

De aí saiu com uma pneumonia violenta que em quatro dias o levou à sepultura.

Foi essa a mais antiga e a mais dolorosa das lembranças que João Bosco guardou de seus primeiros anos.

Trinta anos mais tarde, quando zodeado dos primeiros meninos do seu Oratório de Turim lembrava diante de seus olhinhos atentos a infância longínqua, mais de uma vez ouviram-no contar a cena terrível: "Eu não tinha ainda dois anos quando meu pai morreu e não lembro mais sua fisionomia.

Lembro sómente estas palavras de minha mãe: Meu Joãozinho, não tens mais pai.

Todos iam saindo do quarto do morto, mas eu teimava em ficar, e mamãe insistia docemente: "Vem, Joãozinho, vem."

E eu respondia: "Se pai não vier eu também não vou".

— "Vem filhinho, teu pai já não vive mais".

E com essas palavras, minha santa mãe, rompendo em soluços, me levou embora.

Eu chorava, porque via que ela estava chorando. . . mas aquela expressão: "Não tens mais pai" me ficou sempre gravado na mente.

Depois dêsse primeiro sofrimento até a idade de cinco anos não conservo mais nenhuma lembrança de minha infância."

oOo

Depois da morte do pai, a viúva tomou as rédeas do governo da casa.

E foi então que se viu que mulher de pulso era essa camponesa analfabetas, cuja fé, porém, valia por tôdas as experiências.

Com o trabalho de seus próprios braços, com a coragem, o bom humor, a confiança em Deus, fez a casa prosperar como nos tempos do marido.

A sogra, enferma e quase habitualmente pregada na cama, teve todos os cuidados que podia esperar: era a rainha daquele lar humilde, era a vovózinha mais venerada.

Os três filhos, entre os quais Margarida não fazia a menor distinção no modo de tratar, foram educados com suavidade e com firmeza no exercício das virtudes cristãs.

E essa mãe admirável, dos 29 aos 45 anos não teve mais descanso até vê-los colocados definitivamente cada um no seu caminho.

Nessa nobre piemontesa iletrada havia o senso inato da educação.

Nada há que possa substituir uma mãe.

Nada e ninguém.

Nem o sacerdote no púlpito ou no catecismo, nem muito menos o professor na escola.

Só a mãe forma o coração.

É uma tarefa sublime, que Margarida compreendeu instintivamente.

E portanto nem é preciso dizer como a ela se dedicava.

13. BECCHI

A base dessa educação era Deus.

Tôdas as noites ajoelhavam-se em fila os três meninos e atrás as duas mulheres; êsses cinco corações rezavam pedindo o pão de cada dia, e coragem para o trabalho, o perdão de todos os pecados. . . Logo que a luz da razão brilhou naquelas cabecinhas, a mãe começou a levá-los aos pés do sacerdote para confessarem os primeiros pecados.

Em tôda as ocasiões lhes lembrava a presença de Deus, o qual é testemunha de todos os nossos atos e pensamentos e que um dia será nosso juiz: "Deus nos vê, meus filhos, — repetia frequentemente a mãe — "Deus nos vê".

Pode ser que eu esteja ausente, mas Deus está sempre presente."

Margarida aproveitava tôdas as menores ocasiões para imprimir o pensamento de Deus Criador, em todo os seus aspectos, nos corações dos filhos.

Nas noites estreladas chegavam à soleira da casa e ela dizia: "Foi Deus que colocou lá em cima todos êsses astros maravilhosos.

Se é tão belo o firmamento que não será o Paraíso?"

Ou então diante do espetáculo magnífico da aurora a tingir de ma-

tizes incomparáveis a neve dos Alpes no horizonte:
"Quantas maravilhas Nosso Senhor criou para nós, meus filhos!.
Às vezes uma chuva de pedra devastava tôda a vinha ou parte dela.
A Margarida sussurava: "Baixemos a cabeça, meus filhos".
Deus nos tinha dado êsses lindos cachos de uva.
Deus nos-os tirou.
Ele é o Dono.

Para nós é uma provação; para os mais é um castigo".
E quando nas noites de inverno, o vento uivava lúgubre ou chuva martelava o teto, enquanto a família estava tôda agasalhada encolhidinha junto ao fogo que crepitava, Margarida dizia aos filhinhos:
"Como devemos querer bem a Deus que nos dá tudo o que é necessário!

Ele é mesmo o nosso Pai, o Pai nosso que está no céu."
Mas êsse "necessário", de que Margarida rendia graças a Deus, achava-se reduzido, naqueles anos terríveis, a bem pouca coisa.

Os anos de 1815 e 1816 foram para o Piemonte, após de sofrimentos extraordinários especiais, por causas do inverno atrasado e de uma seca nunca vista, que reduziu a nada a colheita da zona.

A pobre casa de Becchi guardava a triste lembrança de uma tarde em que não havia nada, absolutamente nada, com que mata a fome.

Um amigo percorrera dois dias inteiros fazendas e mercados para ver se comprava, por qualquer preço que fôsse, alguma coisa com que alimentar aqueles cinco bôcas: fora tudo inútil, voltara de mãos vazias!

A pobre mulher não sabia mais a que santo recorrer e via definhar de fome as três crianças e pobre avozinha.

É verdade que no estábulo havia uma vaquinha leiteira.
Era o que garantia a tôda a família de camponeses uma parte do alimento cotidiano.

Mas seria prudente sacrificar a vaca?

Não seria arriscar o futuro se a carestia ainda continuasse?

Margarida tinha a alma perplexa: era hora de rezar.

E então a família inteira se pôs de joelhos para implorar de Deus o conselho; depois a mãe levantou-se resoluta; tinha passado a hesitação.

Auxiliado pelo vizinho foi estábulo.
De aí a minutos a vaca estava abatida.
Mais algumas horas e aqueles estômagos vazios minoravam finalmente os sofrimentos que desde muitos dias os vinham atormentando.

14. CASTEL NUOVO

Notemos que essa mãe vigilante não se preocupava sómente com as necessidades do corpo: pensava principalmente na formação da alma e por isso a primeira coisa que fazia era nutrir os pensamentos dos filhos com a doutrina pura da fé.

Não sabia ler nem escrever, mas era capaz de recitar de cor o catecismo inteiro, como também a História Sagrada tôda, e principalmente a vida de Nosso Senhor.

E essa doutrina de vida, repetida pacientemente, passava tôda de sua memória para a dos filhos.

Pelas suas preocupações cotidianas, teria razões de sobra para deixar êsse trabalho ao zêlo do Pároco Castelnuevo; mas para isso os seus filhinhos deveriam percorrer dez quilômetros por dia; e então ela preferiu ensinar-lhes pessoalmente tudo o que sabia, deixando apenas que o Paróco examinasse e completasse o trabalho.

A mãe conservava os três meninos sempre afastado das companhias perigosas.

É verdade que tais companhias eram raras naqueles tempos; mas a ovelha ronhosa, capaz de contaminar todo o redil se encontra em tôda a parte e sempre; e acontecia que os três meninos se aproximavam de companheiros maus sem o saberem.

Porém, a mãe sabia.

— Mamãe, podemos ir brincar com aquele menino que nos está chamando?

— Sim, meus filhos.

E as crianças corriam alegres para o terreiro diante da porta.

Mas outras vêzes a resposta aos desejos dos meninos era um “não” decidido; e então não passavam a soleira da porta nem por todo o ouro do mundo.

Mamãe Margarida tinha também o talento de tirar dos menores acontecimentos da vida cotidiana, proveitosas lições para a alma de seus filhos.

Um dia, Joãozinho, descobriu entre os ramos de salgueiro um ninho de passarinhos e cobiçou logo a posse dê-le.

Calculando mal a distância entre o galho, perdeu o equilíbrio e escorregando por entre os galhos ficou as mãos presas.

Em vão procurou libertar-se.

Ela então aproveitou para lhe dizer: Vês, Joãozinho, assim também é que a justiça de Deus e dos homens faz com os que não respeitam os bens alheios.

Outra vez, ela resolveu dar a um parente, afastado, um cão de guarda, muito querido pelos meninos; seu sustento pesava sobre a pobre família.

Levaram-no, pois, ao novo dono.

Ainda não tinham voltado os que os conduziam, e já o cão estava tranquilo em sua antiga casinha.

Novamente o levaram para o dono e desta vez prenderam-no com uma corrente.

A primeira vez que se viu livre de suas cadeias o cão voltou ao Becchi.

Margarida ao vê-lo de novo em casa, pegou de um pau para bater o pobre cão não fugiu, deitou no chão, e preferiu morrer a pauladas a deixar seus antigos donos.

Comovida, a Mãe disse aos filhos: "Que fidelidade e que apêgo o deste animal.

Se tivéssemos a mesma submissão ao nosso Criador.

Quanto não andaria melhor o mundo, e quanta "glória daria a Deus".

15. PÃO

Aquêle humilde lar era teatro de inúmeras virtudes.

Antes de tudo, Margarida queria que os filhos fôssem trabalhadores.

Nem um dia de preguiça e de ociosidade.

Aos quatro anos Joãozinho já sabia desfiar os talos de cânhamo; mais tarde ele e os irmãozinhos ajudavam a mãe nos humildes trabalhos domésticos; cortar lenhar, buscar água, descascar legumes, varrer os quartos, lavar os animais ao pasto, limpar o estábulo, varejar as árvores do campo, recolher ramos secos nos bosques

vizinhos para alimentar o fogo debaixo do caldeirão, pendurar na viga de varanda as espigas de milho para secar, tomar conta do forno quando estava assando pão, ordenhar as vacas. . . enfim, trabalhava-se desde manhã até a noite.

Levava-se uma vida propositadamente dura.

Aquela mãe providente queria preparar os filhos para as dificuldades da vida, tornando-lhes a alma capaz de resistir a tudo.

Na humilde cabana todos se levantavam com o sol, tanto no verão como no inverno; era proibido levantar-se tarde: sacudiam o sono e punham-se de pé. A refeição da manhã reduzia-se à expressão mais simples: uma fatia de pão sêco. As longas caminhadas a pé não assustavam nenhuma daquelas perninhas e mais tarde veremos João caminhando quatro vezes por dia para ir à escola, percorrendo um total de vinte quilômetros.

Se ao cair da tarde passasse um mendigo e lhes pedisse um auxílio para alguma coisa, ou se durante a noite algum vizinho doente precisasse da caridade de um dos meninos, punham-se logo de pé e se prestavam qualquer serviço.

E quando voltavam para cama não era um colchão de lã que os esperava, mas era o rude energão de palha de milho.

Educação sólida, meio espartana, que fez dos meninos três rapazes fortes e vigorosos que não torciam o nariz a nenhum trabalho um pouco duro.

Não faziam pouco caso de nenhuma ordem da mãe, mesmo que fosse a mais insignificante.

Mamãe Margarida fazia questão de ser obedecida e era, às quintas-feira ia ao mercado de Castelnuovo levar manteiga e ovos; mas antes de partir distribuía aos meninos os trabalhos que cada um devia fazer.

Quando voltava depois do meio dia, antes mesmo de tirar do cestinho o pão bento que lhes trazia todas as vezes, exigia que lhe prestassem contas do que tinham feito: "Antônio, José, João, vamos ver se fizeram, e bem feito, o trabalho que marquei."

E cada um dos meninos vinha provar que tinha obedecido exatamente.

Então Margarida, muito alegre, lhes dizia: "Muito bem, tomem agora o pedaço de pão bento que lhes trouxe".

16. MENDIGOS

Em Becchi eram pobres, bem pobres.

Mas justamente por isso não faltava nunca um lugar para um mendigo que batesse à porta.

E como sabiam que a casa era hospitaleira não faltavam os clientes. No mais das vezes eram mendigos verdadeiros ou então vendedores ambulantes que passavam por ali: outras vezes eram desertores do exército que se escondiam nos bosques vizinhos, ou bandidos perseguidos pela polícia.

Quando caía a noite, essa gente ia bater à boa porta que nunca deixava de se abrir.

Qualquer pobre viajante que passasse encontrava um prato de sopa e sua fatia de polenta; e lhe mostravam um cantinho no paiol para a noite.

Algumas vezes o pobrezinho não tinha nem tempo de encarapitar-se no caridoso esconderijo, pois já apareciam os guardas ao pé da colina; e tinha que escapar por uma porta enquanto eles entravam por outra. . . e Margarida os convidava a assentar-se, a tomar um copo de vinho, a aquecer-se e enfim, a estar à vontade como se estivessem em sua própria casa.

oOo

Uma vez aconteceu até que alguns desses infelizes não tiveram tempo de fugir e se esconderam tremendo no estábulo; e de aí separados apenas por uma parede fininha, iam seguindo no auge da inquietação a conversa dos policiais. Mas sob o teto de Margarida jamais fora violado o direito de asilo; os próprios guardas sabiam que a casa se abria para todos, para eles como para os seus clientes", sem distinção, com toda caridade.

Por isso, passado a limiar daquela morada hospitaleira não davam mais busca nenhuma; e na hora da saída, todos esses bons amigos, como Margarida os chamava, não deixavam, ao menos em sinal de gratidão, de dobrar os joelhos junto com a família e buscar no fundo da memória umas reminiscências de orações para responder ao Padre Nosso e à Ave Maria.

Antes de deixar essa casa caridosa, os vendedores ambulantes per-

mitiam até que Margarida desse um olhar nos objetos que traziam, para ver se não estavam vendendo alguma coisa que pudesse prejudicar as almas.

17. ESCOLA

Pois bem, em tôdas essas virtudes em que o exemplo de mãe já era uma escola lenta mas segura para os filhos, Margarida se esforçava positivamente para adestrar o coração dos meninos, não tanto com os acentos de autoridades, quanto com a suave firmeza de suas maneiras.

Tinha um senso fino de equilíbrio e sabia conservar-se a igual distância de uma severidade violenta e de uma bondade falsa, que procura obter o que deseja por meio de elogios, de carícias, de súplicas.

Nem carícias tolas, nem muito menos gritos ferozes; suas armas eram a calma, a serenidade, o domínio de si mesma, a verdadeira doçura.

oOo

Nunca batia nos filhos, mas também nunca cedia aos seus caprichos; ameaçava com rigor, mas rendia-se ao primeiro sinal de arrendimento; fechava os olhos e certas minúcias às quais alguns pais modernos dão tanto importância, mas abria-os bem, diante de certas tendência inquietante dos filhos e tratava de endireitá-las imediatamente; ria-se com os pequenos nas suas expansões de alegria rumorosa, porém, não lhes desculpava nenhuma teimosia.

Mais do que tudo isso, inspirava aos filhos, para conseguir que lhe obedecessem, os mais vivos sentimento de terno amor para com ele e o receio extremo de lhe causar o menor desgosto.

E, com êsse dúplice sentimento alimentado no coração de seus três pequenos cristãos, ele conseguia tudo o que desejava.

18. IRMÃOS

Mas os três pequenos davam trabalho!

Três cabecinhas, três temperamentos diversos.

Antônio, o mais velho, o enteado de Margarida, era violento, gros-

seiro, cheio de ciúmes, sem a menor delicadeza de sentimentos, arrogante pela sua superioridade de anos e de músculos; embora meio curto inteligência, sabia ler e escrever, mais tinha um grande desprezo para tudo que não fosse trabalho material; no entanto, apesar de ríspido, podiam-se conseguir dêles atitudes boas.

José era manso e calmo.

Não aborrecia a ninguém e com seu espírito vivo sabia aproveitar-se de tudo e nunca se encontrava em apuros.

Ter-se-ia tornado ótimo negociante, se a vida da lavoura não o tivesse prendido na aldeia natal.

João, pelo contrário, era de temperamento ardente e ao mesmo tempo de caráter volitivo; inteligente e sério, falava pouco e observava muito.

Naquela cabecinha redonda, sólida, coberta de cabelos encaracolados, escondia-se uma rara energia de vontade de uma capacidade de imitação sem igual; tinha um grande coração e um sentido inato de dever; e acrescentte-se ainda a todas êsses dons uma imaginação sempre viva que desde a infância até o fim da vida passou continuamente arquitetando; hoje novos divertimentos, amanhã sonhos misteriosos, mais tarde vastos planos de apostolado.

Mas, êsses três irmãos combinavam bem entre sí?

João e José, sem dúvida, e foi assim por toda a vida; mas com Antônio o assunto era diverso.

Ele abusava do título de primogênito para impor suas vontades e abusava dos músculos para dominar os irmãos.

E vamos ver que, se a infância de Joãozinho foi dolorosa, a causa foi simplesmente Antônio.

19. SOFRIMENTO.

Nem se podem acreditar os sofrimentos que, dos nove aos quinze anos, o irmão menor teve que suportar do irmão mais velho, cuja inveja teimava em querer fazer dêles um lavrador, ao passo que Deus, com mil sinais evidentes, mostrava que o escolhera para o serviço das almas.

Quantas vezes Mamãe Margarida teve que intervir para livrar os filhos das mãos do enteado, ou para consolá-los depois de uma batalha em que, embora aliados, tinham sofrido uma derrota!

Nesses momentos, dominando a dor que experimentava ao ver os próprios filhos espancados por um que não era seu filho, o qual tinha nove anos mais que os irmãozinhos, contenta-se em repreendê-lo por abusar de sua força. Antônio, as vezes, levava a mal a observação e descarregava o resto de seu mau humor sobre esta mãe tão sábia. E houve dias até em que chegou ao extremo de cerrar os punhos e avançar para Margarida, ameaçando-a com palavras péssimas como estas: "Ah! madrastra! Se eu não me contivesse! . .

20. ANTONIO

Os braços robustos de Margarida poderiam esfriar essa raiva com duas boas bofetadas.

Dava um passo para trás e muito calma, fixando os olhos nos olhos do enteado furioso, dizia: "Estás sendo injusto, Antônio."

A ira te fez ficar mau.

Eu sempre te chamei de filho e sempre te considerei como tal, porque és filho de meu saudoso Francisco, teu pai. Bem sabes que, se eu quisesse, poderia dar-te o castigo que mereces.

Com os meus filhos nunca uso êsses meios.

És meu filho e não te bato.

Faz o que quiseres agora.

E o deixava alí estonteado, confuso, domado por êsse magnífico domínio de si, o qual com o tempo chegou a transformar essa natureza violenta num homem de bem, estimado e procurado por todos os que o conheciam.

oOo

Mais tarde João, já sacerdote, ao ver-se rodeado de uma multidão de crianças, reevocará tôdas essas cenas da infância, contemplará a mãe a governar essas três vontades de meninos nem sempre dóceis e maleáveis, recordará todos os métodos de paciência, da firmeza suave, de autoridade sorridente, que ela usava para vencê-las; e procurará copiar sua mãe.

E assim essa mulher analfabeta foi, sem saber, a formadora de seu pensamento.

oOo

"O amor Divino bendiz a PROVIDÊNCIA" — Pe. A. Monteiro, SJ.

III Parte

FILHO DIGNO

- | | |
|----------------|------------------|
| 21. "Sonho" | 33. Despesas |
| 22. Palpite | 34. Blanchard |
| 23. Caprilho | 35. Franciscanos |
| 24. Butigliera | 36. Pároco |
| 25. Cura | 37. Sotaina |
| 26. Grámatica | 38. Seminário |
| 27. Burro | 39. Padre |
| 28. Livros | 40. Pobre |
| 29. Moncucco | 41. Moleques |
| 30. Miguel | 42. Garelli |
| 31. Descalço | 43. Teólogo |
| 32. Chieri | 44. Férias |

"Os grandes benfeitores da humanidade encontraram na família. . . o ambiente que lhes possibilita realizar sua vocação"
— de pág. 4. do 28-8-1977" O DOMINGO".

Eis que chegamos a uma página misteriosa: a história de um sonho, que não só encherá de emoção a alma do menor dos filhos de Margarida, mas também impulsionará definitivamente sua vocação.

21. SONHO

Certa manhã, ao despertar, o pequeno João que tinha uns nove anos de idade, contou que tinha sonhado; parecia-lhe achar-se diante da porta de sua casa, no meio de uma multidão de meninos, que gritavam, berravam, blasfemavam, faziam toda a sorte de peraltices.

Tentou fazê-los calar, primeiro com palavras, depois com tapas e sôcos.

Nesse momento, uma personagem misteriosa aparece e lhe diz:

“Não com pancadas, mas com a bondade deves ganhar-lhes a amizade”. Então Joãozinho viu aqueles meninos desaparecerem e o campo encher-se de cabritos, cães, gatos, ursos e outros animais ferozes. E uma senhora, de aspecto majestoso e belo apareceu e lhe disse: “O que acontece a estes animais deves fazê-lo também aos meninos. Torna-te forte, humilde e robusto”.

E Joãozinho viu com grande espanto todas aquelas feras transformarem-se em mansos e alvos cordeirinhos.

O menino não entendia nada.

Mas a senhora, para enxugar as lágrimas que já brotavam copiosas dos olhos do pequeno vidente, disse-lhe:

“Mais tarde tudo compreenderás.”

De manhãzinha, quando João contou o sonho à família reunida, cada um deu o seu palpite.

José disse friamente: “Certamente você vai ser pastor de ovelhas, de cabras e de outros animais.”

— “A não ser que vá acabar como chefe de bandidos”, emendou maldosamente Antônio.

22. PALPITE

A avó prudente, sentenciou: “Não se deve dar crédito a sonhos.” Mas Margarida, envolvendo o filho num grande olhar cheio de ternura, suspirou:

“Quem sabe se um dia não serás sacerdote?”

E a mãe acertou.

Pois Joãozinho nos anos que se seguiram manifestou várias vêzes a ela o desejo de ser Padre: "Se Padre! — replicava então Margarida — Ser Padre! É difícil dizê-lo.

Mas, porque é que queres ser Padre? Qual é o motivo que te leva a isso? "E Joãozinho explicava: Olha, Mamãe, se um dia eu puder chegar a ser padre, consagrarei minha vida aos meninos.

Hei de querer-lhes bem e farei que êles queiram bem a mim.

E lhes hei de dar bons conselhos e gastarei todas as minhas forças na salvação de suas almas.

Joãozinho começou logo a desenvolver o programa de seu apostolado na sua pequena roda de Becchi.

Quando tinha nove anos, passara uns tempos em casa de uma tia, criada do pároco de Capríglio e aí aprendera a ler assaz corretamente.

Pois esta modesta instrução lhe permitia animar os longos serões de inverno.

Nas casas rurais daquela terra era uma porfia por conseguirem a presença do pequeno leitor, pois ninguém como ele sabia dar vida e colorido à história que se lia.

23. CAPRICHOS

Diante de semelhante precocidade de espírito, diante de um amor do bem tão ativo, e de uma posse tão perfeita da doutrina cristã, não se poderia mais ter dúvidas sôbre o preparo do menino para ser admitido ao Sacramento da Eucaristia.

Mas infelizmente as práticas jansenistas tinham passado em surdina da Sabóia para o Piemonte; e na diocese de Turim não se admitia a ninguém a primeira Comunhão antes dos doze ou treze anos. No entanto para Joãozinho fizeram uma exceção: com dez anos e meio pôde receber no coração ao seu Deus oculto sob as espécies eucarísticas.

Foi na páscoa de 1826, na Igreja paroquial de Castelnuovo, a sua primeira comunhão.

Dêsse fato memorando única lembrança que nos reste são os conselhos que Mamãe Márgarida deu ao menor de seus filhos na tarde daquele grande dia:

"Meu filho, — foram suas palavras, — sinto uma doce confiança

que Deus tomou posse, de fato, de teu coraçãozinho esta manhã. Promete-lhe que te há de manter bom até o fim da vida. Comunga muitas vezes, mas não cometas jamais sacrilégios e para isso faz com sinceridade as tuas confissões. Se sempre obediente; não faltes nunca ao catecismo, nem aos sermões e fuge dos maus companheiros como da peste". No manuscrito em que João anotou êsses sábios conselhos lê-se logo ao lado: "Eu me esforcei para praticar essas recomendações e parece-me que desde êsse dia meu procedimento melhorou. Aprendi especialmente a obedecer e a submeter-me, quando antes dessa data muitas vezes eu opunha meus caprichos às ordens e aos conselhos de quem me mandava alguma coisa!

24. BUTTIGLIERA

Quem acreditaria que o sonho dos 9 anos, que trouxe a confirmação de antigos desejos ao pequeno João, ia semear discórdias na, até então, serena morada dos Becchi.

Foi o que aconteceu.

Um obstáculo, que parecia às vezes intransponível, surgiu entre o chamado do céu e os esforços de Pequeno Bosco e a oposição obtusa, tenaz, de Antônio, o irmão mais velho.

Por seis anos, êsse rapagão invejoso opôs-se à evidente vocação do menino, com o pretexto de que havia nascido lavrador e assim devia morrer.

No fundo era a inveja.

Duas vezes, o obstáculo premeditado, deteve, em seu caminho, João que estava cheio de boa vontade.

Algumas semanas depois, no início da primavera dêsse ano de 1826, parece que a Providência quis encaminhar o menino para a meta dos seus desejos.

O ano de 1825 tinha sido ano de jubileu e Roma tinha assistido à admirável afluência de 400.000 peregrino.

No ano seguinte o jubileu foi estendido a todo o mundo católico; e na diocese de Turim o tempo marcado para lucrar as indulgências tinha sido de março a setembro.

A família Bosco, que se achava mais perto da paróquia de Buttiglieria que de Castelnuovo, resolveu tomar parte nos exercícios da

primeira, a qual convocou todos os fiéis pelo espaço de oito dias consecutivos.

Buttigliera fica a quatro quilômetros de Becchi.

Não era portanto coisas de assustar ter que percorrer dezesseis quilômetros por dia para ouvir os dois sermões que se faziam de manhã bem cedinho e os outros dois da tarde!

As graças do jubileu compensavam bem tal trabalho!

25. CURA

Acabava a última prática, voltavam em grupos, ao cair da tarde, e quando a estrada começava a ramificar-se em atalhos uns tomavam o caminho de Becchi, outros o de Capráglio, outros o de Murialdo.

Um velho sacerdote septuagenário voltavam assim tôda as tardes com seu paroquianos; era o Padre Calosso, Cura de Murialdo. Apesar dos seus tardos anos, ambicionava também ele o grande perdão do Jubileu. Durante a caminhada vinha observando desde o início da semana aquele menino de cabelos encaracolados, de passos ageis, que ia um tanto separado de todos os outros como que a ruminar a palavra dos missionários.

— O' memino, disse-lhe uma tarde, de onde vens?

— De Becchi.

— Será que entendeste alguma coisa da prática hoje?

— Sim, Senhor Cura, entendi tudo.

— Tudo é muito! Vamos ver.

Se fores capaz de repetir quatro frases da instrução dou-te quatro soldos.

— O Senhor quer quatro frases do primeiro ponto ou do segundo?

— Como quiseres.

Ês capaz de lembrar ao menos o tema de que se tratou?

— Lembro-me perfeitamente: o pregador tratou de necessidade de não deixar a conversão para mais tarde.

— E que foi que êle disse a êsse respeito?

— O sermão tinha três pontos.

Qual deles quer o senhor que eu lhe repita?

— O que quiseres.

— Pois então vou repetir os três.

E o nosso homenzinho, sem tropeçar nem uma vez, foi contando impecavelmente os três pontos da primeira instrução daquela tarde: Quando o pecador se obstina no pecado, um dia, certamente, lhe há de faltar o tempo, a graça e a vontade da conversão.

— Muito bem! Disse o Padre Calosso no fim, bravo! Estou vendo que guardaste bem a primeira instrução.

Mas, e a segunda?

— A segunda? O Senhor quer ouvi-la inteira também?

— Não, basta que digas algumas palavras.

— Pois bem: o que mais me impressionou na segunda prática foi a descrição do encontro da alma do condenado com o seu corpo, na hora em que soarem as trombetas dos anjos chamando os mortos para o juízo.

E aqui Joãozinho começou a recitar o diálogo com que o pregador tinha dramatizado a cena.

26. GRAMÁTICA

O bom velho, diante de tal memória, não pode conter a comoção. Menino prodígio! Que talento precocel! E imediatamente no pensamento brilhou esta pergunta: Para quem e para que poderão servir estes dotes? Que irá fazer na vida um menino cheio de tantas boas qualidades?

Será uma fôrça útil? Ou uma fôrça desperdiçada? Ou talvez uma fôrça nociva?

E o diálogo entre o padre e o menino recomeçou.

— Qual é o teu nome? Quem são teus pais?

— Que escola está frequentando?

— Chamo-me João Bosco; perdi meu pai na idade de dois anos; mãe tem cinco bôcas para sustentar.

Sei ler e também escrever um pouquinho.

— Já sabes um pouco de gramática?

— Não sei o que é isso.

— Gostarias de estudar?

— Nem se fale!

— Por que não estudar, então?

— É que meu irmão Antônio não o quer.

— Por quê?

- Ele sempre diz que para trabalhar na enxada qualquer instrução é mais que suficiente.
- E para que é que gostarias de estudar?
- Para ser padre.
- E por que queres ser padre?
- Para atrair a mim os meninos, ensinar-lhes a religião e impedir que se tornem maus.

Eu já reparei bem que quando seguem o mau caminho é porque ninguém cuida deles. . . Mas, dê licença, Senhor Cura, já estou chegando; tenho que subir por aqui para chegar a Becchi. De fato, o menino e o grupo que estava com ele já se achavam ao pé da colina em cujo cimo fica o povoado.

Ninguém tinha achado o caminho comprido.

— Sabes ajudar à missa, Joãozinho? Perguntou ainda o velho Cura, já para despedir.

— Sei, mais ou menos.

— Então vem ajudar-me amanhã.

Tenho uma coisa a te dizer.

O menino foi.

Depois da missa, o bom Padre lançou ainda um olhar sôbre aquela alma de camponesinho e concluiu que era mesmo chamado para uma missão mais elevada que a de trabalhar na terra.

Devia trabalhar, semear, ceifar, enceleirar, tudo isso, sim mas no campo das almas.

27. BURRO

— Dize a tua mãe que venha falar comigo domingo, combinaremos tudo a respeito do teu futuro.

No domingo seguinte, Margarida foi falar com o Padre Calosso e ficou combinado que tôdas as manhãs Joãozinho iria a Murialdo receber uma lição de latim.

E foi um ano delicioso o que o menino passou ao lado de Cura de Murialdo! Ele irá recordá-lo sempre com comoção.

Depois de três meses de gramática italiana, no Natal, Joãozinho começou o estudo do latim.

Ele próprio confessa que as primeiras declinações foram duras de roer. . .

Mas entregou-se ao estudo com tanto afinco que na Páscoa já tinha percorrido tôda a gramática latina.

— “Seu filho é um portento de memória”, dizia o Padre Calosso tôdas as vezes que encontrava mamãe Margarida; “é preciso continuar e mandá-lo sempre às minhas aulas.”

Bem que o teria feito aquela santa mulher; mas, infelizmente, apenas chegou a primavera, essas poucas horas, roubadas aos trabalhos dos campos, provocaram de novo o furor de Antônio. Joãozinho procurava trabalhar por dois e estudar só às escondidas, no ir e vir da lavoura ou à noite quando o trabalho estava todo terminado.

Mas era inútil! Bastava ver um livro que aquêlê rapagão de 24 anos se enfurecia.

E um dia não aguentou mais.

— Basta! começou a gritar.

Não quero mais ver em casa nenhuma destas gramáticas!

Não há necessidade disso para viver.

Eu fiquei grande e gordo sem precisar de livros.

— Estás raciocinando muito mal, replicou Joãozinho.

— Prova!

— Ora, o nosso burro é ainda mais sádio que tu; e êle também nunca foi à escola.

Queres parecer te com êle?

Antônio deu um pulo para agarrar o irmão e cobrí-lo de bofetadas; mas o rapazinho esperto tinha fugido em tempo.

oOo

Outras vezes, o rude camponês cobria de zombarias o pobre menino para fazer-lhe perder a vontade de estudar.

Dizia: “Olham êste senhorzinho; tão pirralho e já quer estudar. E por quê? — por preguiça.

Quer viver comodamente, enquanto nós continuaremos a comer polenta.

Pensas que temos vontade de viver suando para manter-te os estudos? Vamos deixar de histórias.

Vai pegar na enxada.

Nossa família não precisa de doutores.

28. LIVROS

Se Antônio via com o irmãozinho um livro, embora num dia em que não fosse mesmo possível fazer nenhum outro trabalho — como por exemplo dia de chuva ou dia santo — arrancava-o e atirava-o contra a parede gritando: “Já te disse cem vezes que não quero ver-te com livros.

Nascestes para ser lavrador como eu; põe isso na cabeça”.

A situação era tão crítica que não podia durar mais tempo.

Margarida compreendeu.

No outono seguinte, para evitar brigas, fez João suspender as lições.

Mas êsse ato, tão doloroso para os dois corações, ainda não foi bastante para acalmar a ira do irmão maior.

E então numa tarde de fevereiro foi decidido o grande sacrifício.

— É melhor que te afastes daqui, Joãozinho, disse a Mãe soluçando.

Estás vendo que Antônio não se acalma mesmo.

Parte com a graça de Deus.

29. MONCUCCO

Em Moncucco, dos 13 aos 14 anos, levou a mesma vida de Becchi: durante a semana cuidava do estábulo e aos domingos, no palheiro do sítio reunia os poucos meninos do povoado para lhes ensinar o catecismo; recitava-lhes trechos do Evangelho e lhes contava belas histórias.

No verão era à sombra de uma amoreira que se reunia êste oratório festivo em embrião; não eram tão numerosos como em Becchi, mas ouviam-no igualmente atentos.

Então o desejo de chegar ao sacerdócio mais do que nunca devorava aquêlê coraçãozinho e ele o confessava até aos patrões.

— Mas como é que vais conseguir estudar? — Perguntavam.

Para formar um padre são precisas umas nove ou dez mil liras; onde arranjá-las?

— Não o sei.

O que sei é que vou conseguir.

E para não esquecer o que tinha aprendido do Padre Calosso con-

tinuava a repassar a gramática latina no meio dos campos, enquanto tomava conta das vacas, ou em casa nas tardes de folga. No mês de dezembro de 1829 pareceu-lhe ter chegado ao fim da dura prova.

Uma manhã, enquanto ia levando as vacas ao pasto, encontrou-se com o tio, Miguel Occhienna, fazendeiro que se tinha enriquecido em negócios de gado.

— Então, Joãozinho, estás gostando daqui dos Moglia?

— Como é que posso estar gostando? É verdade que todos daqui me querem bem, mas não posso abafar em meu coração o desejo de estudar e vejo que os anos vão passando.

Já estou para completar quinze anos.

— Pobre Joãozinho; disse o tio compadecido.

Deixa que vou arrumar tudo.

Leva esses animais para o estábulo.

Tome a tua bagagem e volta para Becchi.

Eu tenho que ir a Chieri, mas volto esta tarde.

Passarei depois por lá e falarei com tua mãe; vais ver como tudo se resolve bem.

Com a alegria que todos podem imaginar, João foi despedir-se de sus pastrões.

Estes lhe queriam tanto bem, que sentiram despedaçar-se-lhes a alma quando o viram partir depois de ter passado vinte e dois meses sob aquele teto como um sorriso de Deus.

30. MIGUEL

Em Becchi, Margarida não quis recebê-lo em casa, essa tarde, para que Antônio não pensasse que aquela volta tinha sido combinado entre ela e Miguel.

E por isso o pobre menino, tremendo de frio, teve que ficar esperando numa vala alí perto até que o tio voltasse de seus negócios.

Quando este voltou, ao cair da noite, tomou o pobre sobrinho transido como estava, e subiu com ele até Becchi.

Chegando à casa conseguiu persuadir o terrível irmão, e Joãozinho assumiu o seu lugar no lar paterno.

As desventuras porém, não tinha terminado ainda.

Mas que tristeza! João viu erguer-se de novo entre o único desejo

de sua vida e a realização já garantida do mesmo a vontade formal do irmão mais velho.

Aqui, porém, a mãe interveio.

Tinha tido paciência até esse dia, na esperança de que a doçura acabasse desfazendo a oposição.

Mas via que seus esforços eram completamente baldados.

Então adotou a única solução que garantia ao mesmo tempo a vocação de Joãozinho, a tranquilidade da casa e o futuro de todos; requereu a repartição legal dos bens.

Antônio tentou opor-se mas foi inútil.

Margarida manteve a resolução tomada e depois de alguns meses foi feita a partilha.

Antônio não abandonou o povoado, mas afastou-se da casa paterna.

Finalmente podia-se respirar com liberdade.

Outro, não menos terrível ameaçava detê-la em seu caminho: a pobreza.

O bom Pe. Calosso que assumira a responsabilidade dos estudos e da formação de seu discípulo, tombou fulminado por um ataque apoplético.

Não deixara testamento.

João achava-se novamente em pleno mar.

E já estava com mais de 15 anos.

31. DESCALÇO

Que fazer? O ano escolar já ia adiantado, mas assim mesmo Margarida decidiu mandá-lo frequentar em Castelnuovo umas aulas de latim, muito modestas, dadas por um padre que alí tinha também uma escola primária.

Joãozinho recebeu a ordem com a máxima alegria! Nas primeiras semanas percorria cotidianamente com todo seu ardor juvenil, sem esmorecer, os vinte quilômetros, que tantos eram o total de ida e volta duas vezes por dia, de sua casa a Castelnuovo.

Para diminuir as despesas chegava ao ponto de fazer todo esse caminho descalço, levando os sapatos no ombro.

Calçava-os ao chegar à entrada da cidade.

Mas essa fadiga tinha que esgotá-lo um dia; e por isso começou por não voltar para casa na hora do almoço: levava numa sacola a modesta refeição.

E em certas tardes de inverno, em que rugia a tormenta e as estradas estavam sepultadas na neve, não voltava nem mesmo à noite; dormia num cantinho debaixo da escada, em casa de uma família amiga.

Por fim, Mamãe Margarida percebeu que era melhor que êle fosse morar definitivamente em Castelnovo.

32. CHERI

Combinou com João Roberto, alfaiate do lugar, pessoa muito bondosa, para que recebesse Joãozinho como pensionista.

O pagamento seria um gênero: trigo, vinho e ovos.

Foi a segunda vez que João se separou da família.

Ao despedir-se, a mãe lhe fez uma única recomendação, tão simples como cheia de augúrios de proteção: "especialmente, meu filho, sê devoto de N. Senhora."

A partida de João marcou a dispersão definitiva da família.

Pouco tempo antes, José arrendara uma chácara que de há muito cobijava.

Demasiado pobre para enfrentar sózinho os gastos da despesa, constituiu-se à meia com seu amigo Febraro.

A granja chamava-se o "Sussambrino".

Margarida dividia suas preocupações as fadigas entre este novo lugar e os Becchi que ficara deserto.

Margarida o mandou para a cidade de Chieri, que ficava a vinte quilômetros de Becchi, para continuar regularmente os estudos nas escolas oficiais do lugar.

Dona Luiza Matta, uma boa senhora que se tinha mudado para Chieri precisamente para poder ter o filho externo no Colégio, prontificou-se aceitar João como pensionista pela módica importância de 21 libras mensais — ou até menos se fosse necessário — contanto que João desempenhasse também o ofício de doméstico.

O menino não pôs a mínima dificuldade e fechou-se o contrato.

Mas onde arranjar dinheiro para um enxoval, embora o mais modesto, e para três meses de pensão antecipados?

João Bosco aferrou a coragem com ambas as mãos e foi de casa em casa pedir a todos os camponeses de Murialdo que o ajudassem com alguma oferta ao menos em gêneros.

Ninguém lhe negou a caridade e ele voltou com um saco cheio de cereais, e com boa quantidade de queijo e ovos.

Até o pároco de Castelnuovo lhe deu alguma coisa, por intermédio de uma de suas paroquianas.

E assim provido, nos primeiros dias de novembro lá se foi ele para Chieri, a cidade dos seus sonhos, a cidade dos estudos, tão religiosa e tão boa, essa mesma que no século dezesseis tinha hospedado por alguns meses a S. Luiz Gonzaga.

Era quatro de novembro de 1831.

João tinha 16 anos.

Os ombros se curvavam ao pêso de um saco de farinha e de outro de milho que ia vender em Castelnuovo para, com o dinheiro, comprar livros, cadernos e penas; mas o coração se alargava ao pensar que finalmente o caminho estava livre.

Desta vez não se enganava.

Chieri, onde o filho mais jovem de Margarida ia permanecer cêrca de 10 anos, é uma pequena cidade piemontesa reclinada aos pés dos últimos contra sortes dos Alpes.

33. DESPESAS

Cidades de estudantes, fábricas de tecidos, mas também cidade de conventos.

Que ordem religiosa não tinha aí sua Igreja ou mosteiro?

A vida dos estudantes pobres era dura naqueles tempos.

Hoje um indivíduo que tenha uma vocação decidida e tenaz pode encontrar um benfeitor ou uma instituição que lhe pague uma bolsa de estudos ou meia bolsa ao menos; e assim o candidato consegue percorrer sem despesas demasiadas o ciclo dos estudos.

Naqueles tempos, tal coisa era raríssima.

É verdade que os cursos eram gratuitos.

Mas havia todas as outras despesas.

E não eram poucas.

Em geral, êsses pobres estudantes iam às dezenas procurar conhecidos, os quais lhes ofereciam casa, cama e sopa; pagavam em dinhei-

ro ou em gêneros como cereais, batatas, castanhas e até quartolas de vinho.

Às vezes pagavam também com serviços, pondo-se, nas horas livres das aulas, à disposição do patrão para toda a sorte de trabalhos.

Os pais forneciam o alimento.

Assim, por exemplo, todos os sábados via-se mamãe Margarida chegar a Chieri com seu enorme pão negro, que dava para toda a semana, e a provisão de fubá, farinha de milho e castanhas.

Nem é necessário lembrar que, mesmo nas tardes piores do inverno — que é bem cruel ao pé daquelas montanhas — não se conhecia o conforto de um fogo para a gente se aquecer.

Esfregavam-se as mãos, batia-se forte com os pés no pavimento e caía-se de novo sobre os livros a estudar.

E êsses livros, como papel, a tinta, as penas e tudo o mais, era preciso comprar com o suor do próprio rosto; com indústria pessoal, com prestação de serviços cá e acolá, repetições, escriturações ou mesmo com humilhantes trabalhos manuais.

34. BLANCHARD

A parte que a pobreza reservou a João não foi pequena.

Para pagar a pensão, aceitou não só o ofício de doméstico às ordens de patroa, mas ainda o de repetidor de seu filho.

E assim viveu dois anos, até que terminaram os estudos de seu aluno e teve que procurar outra casa que o acolhesse pelo mesmo preço.

Hospedou-o o dono de uma confeitaria que ficava na praça principal de Chieri.

João passou seus dois últimos anos de ginásio nesse café.

De manhã varria antes de ir para a aula, e à noite, a pedido dos jogadores de bilhar, ficava marcando os pontos.

Mostra-se ainda hoje debaixo da escada da antiga confeitaria, o cantinho escuro em que dormia e onde depois de fechar as portas, ficava lendo à luz incerta de uma vela de sebo.

Com essas leituras complementares armazenou os conhecimentos que alimentaram mais tarde sua atividade de escritor de pregador e de educador.

Jamais lhe faltou coragem, e bem que tenha conhecido momentos

de desânimo, de miséria e; é preciso dizê-lo, de fome.

Estava com 18 anos.

Trabalhava desde manhã até alta noite.

Que imenso consumo de energias! Para poder suportar êsse esforço, teria sido necessário um regime alimentar substancioso.

Mas, infelizmente, fora a tradicional sopa que o dono da casa lhe fornecia, só tinha para enganar o apetite que a magra ração semanal de fubá, batatas e castanhas, que a mãe levava.

Em mais de uma ocasião, a fraqueza do estômago era tal que ele nem podia parar em pé e os companheiros o percebiam.

Um deles, cujo nome a história conservou, Blanchard, muitas vezes ficava penalizado, ao vê-lo assim, e passava a sobremesa do próprio bolso para o bolso do colega necessitado.

35. FRANCISCANO

Apesar de tais obstáculos, e quem sabe justamente por causa deles, o rapaz saía-se maravilhosamente nos estudos.

Fez em três anos somente, a preparação para o seminário maior.

Até àquela data, bem ou mal, à custa de sacrifícios e privações, tinha podido sustentar as despesas de seus estudos de humanidades, mas, quando chegou às vésperas de entrar no Seminário Maior, perguntava ansiosamente a si mesmo quem lhe pagaria a pensão.

Não havia mais possibilidade de nenhum lucro extraordinário.

Nem o tempo nem o regulamento o permitiriam.

Os modestos recursos da mãe, embora se lhe juntassem esmolas certas, não iriam bastar.

E, além disso — ele mesmo é quem nô-lo confessa — tinha uma dose tão forte de amor próprio, que receava muito expor-se ao perigo quando aceitasse mais tarde as incumbências e os triunfos da vida de pároco.

Ser coadjuntor, ser pároco, no meio de um povo onde se conserva tão viva a fé, era dignidade tão alta, que João tremia só em pensar nisso, dado o conhecimento que tinha de si próprio.

O remédio só podia ser a vida religiosa.

Assim desapareceriam de um só golpe os dois obstáculos: ficava resolvido o problema econômico, e não havia mais receio pelo lado espiritual.

Numa casa religiosa acolhiam-no assim em toda a sua pobreza e lhe asseguravam por toda a vida os auxílios com que domar a natureza rebelde.

A ordem que parecia atraí-lo mais, era a dos Franciscanos.

Em Chieri tinha eles um convento que João frequentava assiduamente.

Aquela vida simples, frugal, tôda de abnegação e oração lhe agradava.

Antes, porém, quis consultar o confessor; este não quisera saber de lhe dar conselho preciso.

Disse que nesses assuntos preferia não intrometer-se.

Não queria arcar com tais responsabilidades.

Era, sem dúvida, uma curiosa maneira de conceber o ofício de confessor, embora se tratasse de um bom sacerdote!

36. PÁROCO

Repellido por êsse lado, João foi ter com seu pároco, o Pe. Dasano.

Devemos admitir que as razões do paroquiano não persuadiram o bom sacerdote.

Pois vemo-lo, dias após ir falar com Mamãe Margarida para convencê-la que devia desviar o filho de tal caminho.

— A senhora já não é jovem, dizia-lhe o pároco; dentro em pouco estará cansada.

E então quem é que poderá ampará-la senão seu filho como pároco ou vice-pároco? É de tôda a conveniência induzí-lo a deixar essa idéia.

Além disso é do interesse dele próprio.

Dotado de tantas boas qualidades como é, fará certamente uma brilhante carreira e será até motivo de justa ufania para a senhora.

A velha mãe ouviu atenciosa a palavra do seu pastor.

Agradeceu-lhe vivamente o interesse que mostrava.

Mas guardou discreção sobre o seu modo de encarar o assunto.

No dia seguinte foi a Chieri; procurou o filho e lhe disse:

— Ontem, meu filho, recebí uma visita do Senhor Pároco.

É verdade que estás querendo fazer-te franciscano?

— Sim Senhora. Mamãe.

E acho que a senhora não se vai oôr, não é?

— Deus me guarde disse! Só peço que estudes bem tua vocação. Depois faz como quiseres.

O que importa é que salves tua alma.

O senhor pároco queria que eu te dissuadissem, visando o meu próprio interesse, uma vez que tenho já os meus anos.

Mas eu penso que uma coisa não tem nada que com a outra.

Não te preocupes com o meu futuro.

De ti não espero nada e não desejo nada.

E digo-te ainda mais.

Guarde bem isto na mente: nasci pobre, vivi na pobreza e quero morrer pobre. E te asseguro que, se tu ti fizesse padre secular e por infelicidade te tornasses rico, nunca mais poria os pés em tua casa.

37. SOTAINA

O obstáculo da pobreza levantado com a vocação de João, foi felizmente superado pela generosidade e conselhos de um Santo Sacerdote: Pe. Cafasso o dissuadiu de entrar no convento.

No dia 25 de outubro de 1835, na idade de 20 anos, vestia a negra sotaina na igreja de Castelnovo, onde tinha sido batizado.

Cinco dias depois despedia-se de sua mãe em Becchi para entrar no Seminário de Chieri.

Nas véspera da partida, depois que saíram os amigos e conhecidos que tinham vindo despedir-se do jovem seminarista, a mãe chamou à parte o filho de suas ternuras e, fitando-o bem, com um acento que João recordava perfeitamente ainda no ocaso da vida, disse estas comovedoras palavras.

“Meu Joãozinho, acabas de vestir batina.”

Podes calcular de que alegria e doçura este fato enche o meu coração.

Lembre-te porém, que não é o hábito que honra o teu estado, mas as virtudes que praticares.

Se, por desgraça, vieres um dia a duvidar de tua vocação, por caridade! não desonres a batina! Deixa-a imediatamente, porque prefiro ter um pobre camponês, antes que um Padre negligente nos seus deveres.

Quando nasceste eu te recomendei quase exclusivamente a devoção à Santa Virgem; pois agora também recomendo-te que sejas todo dela.

Ama os companheiros que a amam; e se chegares a ser um dia sacerdote, recomenda sempre a devoção a N. Senhora". . .

Aqui parou dominada pela comosão.

O filho chorava.

"Mamãe, respondeu ele depois de um longo silêncio, permita que antes de deixá-la para seguir este novo caminho, eu lhe agradeça tudo o que fez por mim.

Os seus conselhos, impressos na minha alma, serão por toda a vida o meu tesouro.

38. SEMINÁRIO

Na tarde do dia seguinte o clérigo João Bosco transpunha o limiar do Seminário de Chieri, onde ia passar seis anos, nutrido e sustentado, pode-se dizer, pela caridade de todos.

Essa mesma caridade que começara por vesti-lo dos pés à cabeça no dia de sua vestidura clerical.

Uma pessoa importante do lugar tinha oferecido a batina; o prefeito tinha dado o chapéu, o pároco dera a capa, outro paroquiano os sapatos.

O primeiro ano de Seminário foi pago por um distinto sacerdote, D. Guala, Diretor do Colégio Eclesiástico, homem tão rico quanto caridoso.

Para os anos seguintes, João Bosco se arranjou desta maneira: em primeiro lugar ganhou todos os anos o prêmio de 60 liras destinado ao aluno que obtivesse melhores notas de procedimento e de aplicação; a partir do segundo ano de filosofia, concederam-lhe também o lugar de semi-gratuito, que se dava frequentemente aos seminaristas diligentes e necessitados; no segundo ano de teologia foi nomeado sacristão e por esse trabalho ganhou a gratificação de 60 liras.

O resto da pensão era pago pela generosidade do Padre Cafasso. João Bosco ficou seis anos no Seminário, dois de filosofia e quatro de teologia.

Quando chegou a véspera da ordenação e os Superiores tiveram

de dar o último o juízo a respeito dele, o que escreveram ao lado de seu nome para qualificar o resultado dos seus estudos foi: Plus quam optime, e para dar a apreciação de seu caráter: cheio de zelo e promete um bom êxito.

39. PADRE

E quando estava terminando seu tempo de Seminário, uma noite do período de férias, um novo sonho, tão expressivo quanto o primeiro, veio confirmar-lhe a vontade do céu.

Aos pés da colina em que estava o sítio de seu irmão, estendia-se um largo vale, o qual tomou de repente aos seus olhos o aspecto de uma populosa cidade.

Nas ruas e nas praças borborinhava uma multidão de meninos abandonados a si mesmos.

Brincavam, gritavam, e blasfemavam, João não podia ouvir blasfêmias que logo ficava fora de si.

E assim correu para aqueles infelizes lhes intimou que se calassem. Vendo que não obedeciam, ameaçou bater-lhes.

Não adiantou nada! Chegou então aos fatos e começou a surrar os mais insolentes.

Estes lhe responderam no mesmo tom, cobrindo-o de bofetadas.

Vendo-se aniquilado pela superioridade numérica, o clérigo tratou de fugir.

Mas eis que aparece uma personagem misteriosa, que lhe impede o caminho e lhe intima que volte a ter com os pobrezinhos e os corrija por meio da persuasão.

O sonhador contentou-se em mostrar como único resposta os sinais dos bofetões recebidos.

Então o desconhecido o apresentou a uma Bela Senhora que se tinha aproximado dêle: "Eis aqui minha Mãe, disse-lhe; segue os conselhos que Ela vai dar."

A suave aparição envolveu-o num olhar cheio de bondade e murmurou: "Se queres ganhar estes meninos, não os maltrates com socos e ponta-pés, mas conquista-os com a doçura e a persuasão". E foi o que João fez.

Então, como no primeiro sonho ele assistiu a uma dúplice mudança.

Primeiro os meninos se transformaram em animais ferozes e depois de um instante se metamorfosearam em mansos cordeirinhos.

oOo

Enquanto esperava essa hora, o clérigo Bosco ia continuando a completar sua última formação no Seminário de Chieri.

Nas ordenações de setembro de 1840 recebeu o Subdiaconato, em Turim; na primavera de 1841, no sábado da Paixão, o Diaconato; e, finalmente, no dia 26 de maio, festa de São Felipe Neri, entrou em retiro espiritual, em Turim, na casa dos Padres da Missão, afim de preparar-se para a Ordenação Sacerdotal.

Na quinta-feira imediata, Festa de Corpus Christi, satisfizes finalmente o desejo do povo de sua terra, celebrando em Castelnuovo a Missa cantada da festa e oficiando na procissão do Santíssimo.

Para solenizar o acontecimento realizou-se um alegre festim na residência paroquial.

O Arcipreste tinha convidado todos os parentes de João, todo o clero da redondeza, e as autoridades do lugar.

oOo

No entanto o novel sacerdote tinha pressa em devencilhar-se de todas essas rumorosas demonstrações de estima para encontrar-se a sós com sua mãe.

E assim, ao cair da tarde, partiram ambos para chegar a Becchi. É fácil calcular que ondas de sentimentos suaves e fortes comoviam o coração da mãe e do filho.

Quantas vezes desde a idade 15 anos João tinha percorrido aqueles caminhos, aqueles atalhos, atormentado pelo sonho sublime!

Agora o sonho era realidade.

E aquela última subida que restava! Atravessava precisamente o prado aonde, numa noite de inverno, ele se vira transportado em sonho e onde tinha ouvido a voz de Nossa Senhora a lhe traçar claramente a rota!

Por caminhos misteriosos, mas seguros, tinha adoravelmente conduzidos!.

Mão de mulher e de mãe — a mais excelsa de todas a mulheres e a mais terna de todas as mães — tinha tomado a sua mãozinha de criança e através da provação o tinha guiado à dignidade sacerdotal, sem que ele devesse fazer outra coisa a não ser deixar-se conduzir e não perder nunca a esperança.

História admirável! Ao reevocá-la naquela hora calma e recolhida com as humildes cenas de toda a sua juventude, o homem sentiu uma comoção intensa aperta-lhe o coração.

Faltaram-lhe as palavras para exprimí-la e os olhos se lhe arrasaram de lágrimas.

oOo

O Joãozinho de outros tempos, o humilde pastorzinho feito sacerdote, exprimia a gratidão de sua alma inebriada.

Mais uns passos ainda o atravessaram a soleira da pobre casita, espectadora de tantas cenas de alegria e lágrimas.

A mãe acendeu a candeia e tratou de preparar tudo para o descanso noturno.

Depois, como outrora, como vinte anos atrás, daqueles dois corações puros, subiu aos céus e oração de noite.

Quando se ergueram da prece, a velha mãe, que se deixara ficar quase sempre silenciosa em todo aquele dia de emoções tomou entre nas suas mãos as mãos do filho e com acento muito grave e doce falou:

“João, agora és padre! Agora dirás Missas todos os dias.

Lembra-te bem disso: começar a dizer missa é começar a sofrer. Não o perceberás logo; mas um dia, mais tarde, verás que tua mãe tinha razão.

Tôdas as manhãs, tenho certeza, hás de rezar por mim.

Não te peço outra coisa.

De hoje em diante pensa somente na salvação das almas e não te preocupes absolutamente comigo”.

oOo

Palavras admiráveis! Esta cena de pura beleza sobrenatural dá-nos realmente a chave de um futuro inteiro.

Mais tarde, quando o filho nos assombrar com a grandeza de suas realizações, com seu ardor apaixonado para com Deus e para com as almas, com sua fé calma e intrépida, então nos lembraremos da mãe, a humilde camponesa de Becchi, a pobre mulher analfabeta, mas de tanta elevação de espírito, a mãe que durante quinze longos anos de misérias e de privações, lenta e pacientemente, formou esse coração sacerdotal.

René Bazin, grande escritor católico, diz que: "há mães que têm alma de sacerdote".

Quão apropriada é esta sentença ao pensarmos na humilde camponesa de Becchi, que havia sofrido e suportado tantos labores para ver este glorioso dia.

40. POBRE

Poucos meses depois da ordenação, em outubro de 1841, acabadas suas últimas férias, o padre João Bosco começou a pensar sobre que rumo dar à sua vida.

Que ofício eclesiástico deveria aceitar? Ofereciam-lhe três.

Uma família nobre de Gênova, queria-o como preceptor de seus filhos, propondo-lhe honorários de mil libras anuais, livres de todas as despesas; a gente de sua terra desejava-o como sucessor do Capelão de Murialdo, a minúscula vila da qual dependia o povoado de Becchi; e, por último, o Arcipreste de Castelnuovo, Padre Cinzano, seu grande benfeitor e amigo, estava ansioso por tê-lo como coadjutor.

Para tomar o caminho mais curto e para não buscar senão a vontade de Deus, nesta primeira escolha, Dom Bosco recorreu mais uma vez o seu santo contrerâncio o Padre Cafasso.

"Não aceita nada".

Venha a Turim e complete sua formação sacerdotal no Colégio Eclesiástico".

Entretanto, empreendia mil obras de caridade:

Catecismo, visita aos enfermos, hospitais, aos prisioneiros, aos pobres em suas míseras choupanas.

Turim era, nessa época, uma cidade que crescia rapidamente e que do Piemonte e da Lombardia ia atraindo para si uma multidão

de meninos pobres e de moços contratados pelas empresas construtoras.

Eram principalmente trabalhadores manuais, servente de pedreiros, marceneiros principiantes.

Dormiam onde podiam, quase sempre miseravelmente, em grupos de cinco ou seis, em porões ou em sótãos insalubres.

Mas esse número formava um exército de trabalhadores.

O pior era que se via ao lado deles: uma multidão de meninos abandonados, ociosos, que fervilhavam quase por tôda a parte, nas imediações da cidadela, ao longo do Rio Pó, nos terrenos baldios que aguardavam construções; meninos abandonados pelos pais ou por eles instigados à mendicidade.

Se o jovem sacerdote subia as escadas até o sótão, seu olhar descobria logo um espetáculo comovente: famílias de oito, dez, doze pessoas, amontoadas numa horrível mansarda, onde se respirava um ar pestilencial e onde se viam sabe Deus. . . sementes de prisioneiros que iam dar frutos, depois, numa das quatro casas de detenção da capital.

O que mais impressionava nesses lugares de desolação era com o número de jovens aí encerrados, meninos de poucos anos e moços já desenvolvidos, este conrompendo aqueles!

Aí arruinavam-se precocemente a alma, e lá na "Piccola casa" da Divina Providência, o imenso hospital fundado pelo Santo Cottolengo, o corpo se destruía, aos golpes das doenças geradas pela vida viciosa.

41. MOLEQUES

Que espetáculo comovente o dessa juventude abandonada, sem guia, sem pastor, vítima de paixões desregradas, por culpa de uma sociedade que não cuidava deles e duma família que atraía o próprio deveres.

Certas tardes, entregue a essa triste reflexão, ia dar uma volta pelos campos dos arredores e encontrava grupos de moleques, que lá ficavam porque os pais não cuidavam deles ou não tinham sobre eles autoridades!

Aqui rixavam, ali faziam diabruras, uns jogavam baralho, outros jogavam a dinheiro; saíam blasfêmias de lábios ainda infantis e, de

ouvido em ouvido, corriam as mais obscenas palavras. Que quadro doloroso o do abandono em que se achava toda essa juventude!

O padre aproximava-se daqueles grupos mas sem resultado nenhum.

Ao vê-lo chegar, alguns fugiam, outros o insultavam, os demais continuavam impertubáveis o seu inqualificável divertimento.

Então o bom padre ficava triste.

Mas na sua alma havia sempre a luz de um raio de esperança.

E que essa cena lhe era já conhecida em todos os mínimos particulares.

Tinha-a visto e, ao menos por três vezes, bem idêntica.

Só que antes era sonho e agora era realidade.

No último ato, os pequenos animais ferozes se transformavam em dóceis cordeirinhos, quando o novo amigo deles, guiado pelo céu, se aproximava com bondade e ternura que jamais haviam conhecido.

— Quem sabe não há de soar um dia essa hora de consolação?

Pensava o sacerdote.

E voltava ao Colégio Eclesiástico suplicando à Virgem Santíssima que apressasse tal hora.

42. GARELLI

E a hora chegou, precisamente no dia consagrado à Virgem Nossa Senhora, 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição.

Na sacristia da igreja de São Francisco de Assis, Dom Bosco estava paramentado para celebrar missa e esperava um ajudante.

Recolhido como estava, não percebera a entrada de um rapaz já desenvolvido, de seus dezesseis anos, vestido miseravelmente.

A curiosidade o conduzia até ali e estava precisamente observando tudo com a admiração de quem via aquilo pela primeira vez: a sala, a ornamentação, aquele padre em trajes tão engraçados, todo aqueles conjunto imponente e severo.

O sacristão, mal entrou, foi gritando em tom de ameaça:

— Que fazes aqui? Não estás vendo que o padre está só esperando um ajudante? Vamos, pega o missal e ajuda à missa.

— Mas, eu não sei ajudar à missa, responde o rapaz.

— Então, porque entraste aqui? Donde é que saem estes tipos que vão entrando em toda a parte como se fosse em casa deles?

Fora daqui! Imediatamente!

E, dizendo isto, tomou um espanador, e pôs-se a correr atrás do menino.

O pobrezinho não conhecendo bem as portas, saiu por onde não devia sair, foi dar numa porta fechada, teve que voltar à sacristia, sempre perseguido pelo sacristão furioso, até que conseguiu finalmente retomar o caminho por onde tinha entrado e saiu para a rua.

— Para que bater nesse rapaz, disse Dom Bosco, ao vê-lo voltar todo esbaforido pela carreira.

Não é assim que se faz.

— Mas, então para que vem ele à sacristia?

— Ora! não vejo nenhum mal nisso.

E não consinto que se tratem assim os meus amigos.

— Seu amigo?! Aquele moleque?

— Justamente. Quando alguém é maltratado, só por isso já fica sendo meu amigo.

E eu faço questão que o senhor não maltrate mais ninguém desse jeito.

Do contrário, di-lo-ei ao Padre Guala.

Volte e vá chamar o menino; ainda não deve estar longe, eu preciso falar com ele.

De aí a minutos, o sacristão voltou com a vítima ainda toda a tremer.

— Vem cá, meu amigo, vem cá, não te quero fazer mal.

Como te chamas?

— Bartolomeu Garelli.

— De onde és?

— De Asti.

— Qual é o teu ofício?

— Pedreiro.

— Tens pai?

— Não, já morreu.

— E mãe?

— Também morreu.

- Que idade tens?
 - Dezesseis anos.
 - Sabes ler, escrever?
 - Não senhor.
 - E cantar? E assobiar?
- O menino deu uma risadinha.
- Estava aberto o coração, a amizade começava a nascer.
- Dize-me uma coisa, Bartolomeu; já fizeste a primeira comunhão?
 - Ainda não.
 - Já te confessaste alguma vez?
 - Já, mas faz muito tempo, quando eu era pequeno.
 - E rezas as orações da manhã e da noite?
 - As orações, eu as esqueci.
 - E à missa aos domingos, vais?
 - Isso sim, quase sempre.
 - E ao catecismo?
 - Não tenho coragem.
 - Ora! Por quê?
 - Porque fico com vergonha.
- Outros meninos menores do que eu, sabem o catecismo melhor.
- E se eu explicasse o catecismo para ti somente, virias?
 - Então sim.
 - E quando queres começar?
 - Quando o senhor quiser.
 - Hoje de tarde serve?
 - Serve.
 - E se fosse agora mesmo?
 - É só o senhor querer.
 - Então está bem.

Assiste à missa e depois vamos estudar juntos um pouco de catecismo.

Meia hora depois, D. Bosco estava de novo com o seu jovem amigo. Conduziu-o a uma saleta pegada à sacristia e começou as primícias de um apostolado que ia durar quase meio século.

43. TEÓLOGO

Este discípulo, levado pela Providência numa manhã de inverno à

sacristia de uma igreja de Turim trouxe em seguida novos companheiros ao mestre.

Em breve eram mais de cem.

Como agasalhar estes meninos, que, quando caía a tarde, acudiam a D. Bosco? Era a pergunta que fazia a si mesmo o jovem sacerdote, quando, com a ajuda de outro sacerdote, seu amigo, o Teólogo Borél, foi encarregado de dirigir um asilo, fundado por uma descendente de Colbert, a marquesa Borolo.

Para este lugar transportou D. Bosco sua tenda e, seu modesto quarto foi o ponto de reunião de seus amparados.

Em breve, já não cabiam mais dentro das quatro paredes.

Os meninos, mais de 300, transbordavam pelos corredores e escadas.

O apóstolo transformou dois compartimentos do orfanato; um em sala de aulas e outro em capela.

Apenas instalado com seu "birichini", a Marquesa, contrariada, pela algazarra dos meninos, ordenou-lhe que mudasse de lá.

Foi o início de uma carreira desordenada em busca de abrigo.

Com o apoio do Arcebispo, permitiram-lhe ocupar um Santuário, antigo, a igreja de São Martinho.

Mas os vizinhos, cujo repouso era perturbado pelos gritos da garotada, exigem que a polícia ponha em debandada a turma barulhenta.

D. Bosco consegue o usufruto de outra igreja, São Pedro "in vinculis".

O Cura, amigo de suas tranquilidades, reclama e lhe suspende a concessão.

Sem casa, por dois meses reúne sua "tropa" ao ar livre no campo.

O inverno se aproximava e não podia ensinar Catecismo debaixo de chuva.

Aluga três salas em uma casa do bairro, mas a queixa dos outros inquilinos, faz com que os proprietários despeça o pobre padre.

Passado o inverno, voltam a outro prado alugado.

Mas o capim pisado pelos meninos, faz perder a calma ao proprietário, o qual intima ao jovem sacerdote que se retire.

Com este último golpe, D. Bosco desalentado, compreende que chegou a época da grande tribulação anunciada por sua boa mãe, e se resigna.

Que dor o sufoca, só ao pensar que deverá dizer adeus a todos os pequenos e vê-los de novo lançados no meio dos perigos da rua. Nenhuma casa, nenhum campo queria recebê-los. Prostrado sob o pêso desta carga, D. Bosco de joelhos rezava, enquanto seus filhos brincavam.

44. FÉRIAS

Foi uma oração fervorosa em que se misturavam, em proporções indefiníveis, a fé, a esperança e o amor.

Tinha que ser ouvido.

De fato, apenas D. Bosco acabou de lançar aos céus, esse grito da alma desolada mas cheia de confiança, eis que entra no campo um bom homem, que lhe vai logo perguntando:

É verdade que o senhor está procurando um lugar? Perguntou-lhe isto, porque um meu companheiro de nome Pinardi tem um magnífico barracão para alugar.

O senhor quer ir vê-lo?

Dom Bosco o acompanhou.

O "magnífico barracão" era uma espécie de palheiro com o teto muito baixo e todo cheio de buracos.

— É baixo demais, disse Dom Bosco um pouco desapontado.

— Isso não quer dizer nada.

Cavaremos o chão um meio metro e faremos um pavimento conveniente.

Além disso o senhor poderá usar o terreno que fica ao lado.

Tudo isso por 300 libras, ao ano, está bem?

— Quer então fazer um contrato de arrendamento? Arriscou-se a perguntar Dom Bosco, que guardava bem lembrança dos recentes desgostos por que tinha passado.

— Isso mesmo; faz-se o contrato e domingo que vem, tudo está pronto.

Dom Bosco voltou para o campo onde estavam os meninos.

Aí, o sol da tarde iluminou uma cena realmente comovedora.

Aqueles pobres garotinhos, quando ouviram a notícia que tinham finalmente um lugar seguro para ficar, não puderam reprimir a alegria.

Dançavam, cantavam, pulavam, aclamavam o seu grande amigo, Dom Bosco!

Este rezou então com êles, com um fervor que só Deus sabe, um terço em ação de graças.

oOo

Num domingo, à tarde, depois de um dia de trabalho exaustivo no Oratório, o pobre D. Bosco, ao entrar no quarto caiu sem sentido. Tiveram de transportá-los para a cama, e desde esse momento, a febre não o deixou mais.

Dentro de oito dias achava-se à beira do túmulo.

No domingo seguinte, o Padre Borél, acompanhado pelos maiorzinhos do Oratório, que choravam e soluçavam, levou-lhe o Santo Viático.

Estavam presentes a mãe e o irmão mais velho, que tinham corrido à cabeceira do querido agonizante.

Terça-feira foi-lhe administrada a Extrema-Unção.

A oração de seus meninos, oração pertinaz e fervorosa, acompanhada com a sinfonia de heróicos atos de sacrifícios oferecidos a Deus para sua cura, livrou do perigo o jovem sacerdote, ao qual, foi necessário impor umas férias, depois daquela refrega.

Passou em Becchi.

Só o clima de sua terra natal poderia fazê-lo restabelecer de violento abalo que sofrera.

Pelos fins de outubro, apesar dos avisos dos médicos e dos conhecidos, Dom Bosco não conseguiu mais resistir; o corpo ainda não estava completamente restabelecido, mas a alma sofria demasiado por ter que ficar longe.

E assim resolveu partir no dia de todos os Santos.

A questão da residência estava resolvida: alugara quatro quartos no primeiro andar da casa Pinardi.

Mas era preciso encontrar alguma pessoa segura e inapontável, para dividir com ele a habitação.

oOo

"... é conveniente que se retome ... o Rosário (Santo Terço) e com a simplicidade dos humildes, dos pequenos. . . dos que sofrem e dos que confiam, — e se reze. . . pela paz na Igreja e pela paz no mundo."

Paulo VI

"Ó moços! . . .
Vibrai, vibrai, rompendo o vil marasmo,
a onda crespa e sonora de entusiasmo,
em prol da Pátria, sob o olhar de Deus.
E sede sempre como o mar, que lança
os maroiços para o alto, e não se cansa
no anseio eterno pelo azul dos céus!

D. Aquino (1).

D. Francisco de Aquino Correia, da Academia Brasileira de Letras, poeta, escritor, jornalista, foi Presidente de seu Estado natal, Mato Grosso (1918-1922); seguidamente, Arcebispo de Cuiabá, até 1956, quando faleceu aos 22 de março, deixando avultada mole de escritos: Discursos e Poesias especialmente. Nasceu no dia 2 de abril de 1885.

IV Parte

TAREFA HERÓICA

- | | |
|-------------------|------------------|
| 45. Vadocco | 57. "Grigio" |
| 46. "ORATÓRIO" | 58. Pistola |
| 47. Paciência | 59. CONSOLATA |
| 48. "Colera" | 60. Mercado |
| 49. Admoestações. | 61. Soleira |
| 50. Colaboradora | 62. Ajuda |
| 51. Benfeitores | 63. Dízimos |
| 52. SÁVIO | 64. Presente |
| 53. Tiro | 65. Predestinada |
| 54. Moribundo | 66. Viático |
| 55. Sardi | 67. Santuário |
| 56. Preocupada | 68. SEIVAS |

"A família que centraliza sua vida nas coisas de Deus e no amor aos irmãos, a família que não se deixa envolver por uma mentalidade materialista, que nunca se esquece dos valores sobrenaturais, esta é uma FAMÍLIA-AMBIENTE, onde pode nascer e crescer todo tipo de vocação. . .

— D. Domingos e Pe. Jonas.

— “Leva contigo tua mãe”, disse-lhe o Pároco de Castelnuovo, o bom Padre Cinzano, sempre tão afetuoso. Dom Bosco tinha pensado nisso, mas não teve coragem de propô-lo a sua mãe.

45. VALDOCCO

Pobrezinha! Ele já tinha seus anos e bem que merecera o direito de repousar finalmente um pouco, na paz solitária de Becchi! E depois, que é que Dom Bosco lhe iria oferecer, em lugar dos pequeninos cuidados cotidianos que se dedicava em sua tranquila casa da roça?

— Os aborrecimentos, os barulhos, as exigências, a falta de educação de 400 meninos!

A pobre mãe ia ter que sacrificar todas as suas recordações da juventude, toda a sua vida regulada e uniforme, a calma dos seus campos, a doçura de suas amizades, tudo em troca de uma existência agitada, fora da aldeiazinha natal, no tumulto de uma cidade.

E depois, se ela aceitasse, iria ficar sob as ordens do filho, obedecer a ele, subordinara a própria vida à dele.

Não! Isso não era admissível! Mas, e se não fizesse assim, como livrar-se daquele embaraço? Dom Bosco então armou-se de coragem e manifestou-lhe finalmente o seu desejo.

— Se achas que é essa a vontade de Deus respondeu Margarida sem hesitar, pode contar comigo”.

E assim se puseram em viagem, depois do dia de Finados, a 3 de novembro de 1846.

Nos dias precedentes, Margarida, calculando a miséria que iria encontrar em Valdocco, tinha-se decidido a um sacrifício doloroso.

E nessa manhã de novembro desceram os dois a pé na direção de Turim.

46. ORATÓRIO

Na encruzilhada do Rondó, onde se cortam a Avenida Regina Margherita e a Avenida Valdocco, os dois se encontraram com um amigo, o Padre Vola, que ao vê-los assim tão extenuados, perguntou: Oh! de onde é que estão chegando tão fatigados e tão cobertos de pó assim?

— De Becchi.
— A pé?
— Que é que se há de fazer? Falta isto.
E o gesto completava a palavra.
— E onde é que vai morar?
— Na Casa Pinardi, com minha mãe.
— E com que meios conta para viver?
Você está sem colocação!
— Ah! meu amigo, é uma pergunta a que nem eu mesmo sei responder.
Mas, tenho confiança em Deus e Deus pensará em nós.
— Há alguém esperando-os na casa Pinardi?
— Ora, quem iria nos esperar?
— Mas então que é que vão cear esta tarde?
— Não se preocupe.
Vamos pensar nisso de aqui a pouco.
— Dom Bosco, voce me causa dó.
Queria ajudá-lo nalguma coisa.
Espera aí! E dizendo isto procurava alguma coisa nos bolsos.
— Estou sem um centavo esta tarde.
Mas ao menos fique com isto.
E tirando o relógio, entregou-lho.
— Porém, e você?
— Ora! Eu tenho outro.
Venda êsse e já terá alguma coisa com que começar a viver.
E o generoso amigo deixou-os.
Mais duzentos metros de estrada e tinham chegado.
No primeiro andar da casa Pinardi esperava-os a nova residência.
Dos quatro quartos, dois eram mobiliados, se é que se podia chamar mobília, a uma pobre cama, uma mesa de madeira branca uma cadeira de palha, o puro necessário para trabalhar, descansar e viver.
Então se repousou um pouco para tomar fôlego e também para esperar uma ocasião de alugar mais outros cômodos da casa Pinardi.

47. PACIÊNCIA

Dom Bosco com a alegria estampada no rosto girava por entre os

vários grupos cingido de um modesto avental com a panela fumegante na mão ia oferecendo mais para quem quizesse repetir.

Era a família no sentido mais puro da palavra, a perfeita compenetração dos corações.

Depois que os rapazes voltavam do trabalho, Margarida acabava os serviços de casa ajudada muitas vezes pelo filho, e se sentava perto da janela, onde ficava até alta noite remendando, cosendo, consertando e muitas vezes lavando e passando a roupa da semana. Houve porém, um dia em que por pouco ela não perdeu a paciência.

Alguma traquinice muito fora do comum devia ter-lhe enchido as medidas.

Por que ela chegou-se para Dom Bosco e disse muito alterada:

“Eu não aguento mais.”

Tu bem vês quanto trabalho.

Mas o meu trabalho é muito mal recompensado.

Estes meninos são insuportáveis.

Hoje encontrei no chão pisada a roupa branca que eu tinha deixado a enxugar; ontem me andaram correndo pelo meio dos canteiros da horta.

Que moleques! Alguns voltam para casa com a roupa em farrapos, outros perdem a gravata, as meias, o lenço.

Há uns que escondem camisas, outros que com toda ingenuidade me vem buscar caçarolas para brincar.

Gasto horas inteiras para encontrar as cousas.

Quando penso que em Becchi vivia tranquila fiando o meu Cânhamo.

Deixa-me voltar para terminar lá os meus dias”.

Como única resposta D. Bosco mostrou à Mãe o crucifixo que pendia da parede.

Aquela grande cristã compreendeu.

Encheram-se-lhe os olhos de lágrimas e disse: “É verdade!

Tens razão! E desceu para cingir de novo o avental.

48. CÓLERA

No fim do mês de julho, numa estação esplendida, tombou sobre a cidade o flagelo da cólera vindo do sul da Península.

Os casos se multiplicaram com uma rapidez espantosa: no fim da primeira semana já se contavam 50 a 60 por dia e a proporção da mortalidade chegou a atingir até 60%.

Em três meses contaram-se 2500 casos, dos quais 1500 casos levaram à morte.

O bairro de Valdocco onde estava situado o Oratório, foi mais fortemente atingido que os demais; em outubro já se contavam 400 mortos.

A casa de Dom Bosco estava rodeado por um círculo de coléricos, entre os quais eram mais numerosas as vítimas, porquanto desde os primeiros assaltos da doença os pobrezinhos se viram abandonados pelos parentes, que fugiam dominados pelo terror!

Para circunscrever, afim de dominá-lo, o Conselho Comunal abriu dois lazaretos nos dois pontos mais atingidos da cidade.

Mas então surgiu um problema: onde encontrar abnegados que se oferecessem para descobrir os casos isolados e transportar rapidamente os infelizes para esses hospitais?

O colérico formava automaticamente um vácuo ao redor de si; ninguém queria aproximar-se, tão violento era o perigo de contágio.

Dom Bosco nos primeiros dias se multiplicou à cabeceira dos doentes e dos moribundos, prestando-lhes os cuidados de seu ministé-

rio e de sua caridade; mas compreendeu logo que, diante da extensão do mal, só uma turma de rapazes prontos a qualquer sacrifício seriam capazes de prestar à cidade tão duramente flagelada os serviços necessários.

Não hesitou então: dirigiu-se a seus alunos maiores: quatorze deles deram imediatamente o nome e daí a poucos dias mais trinta seguiram os exemplos dos primeiros.

Com esses quarenta rapazes decididos se fez então um trabalho metodicamente organizado.

Uma parte prestava serviço nos lazeretos; outra nas famílias; um pequeno grupo deles tinha o encargo de visitar as casas de operários para descobrir os infelizes abandonados pelos parentes e um piquete ficava sempre postados de guarda no Oratório para atender ao mínimo apelo que se fizesse.

Ninguém tinha escrúpulo de ir pedir a intervenção deles tanto de dia como de noite.

Durante mais de dois meses esses quarenta rapazes realizaram prodígios e nem um sequer foi atingido pelo mal; era a proteção visível da SS. Virgem que os defendia, porque embora no princípio tivessem tido o cuidado de lavar-se e desinfetar-se depois de cada visita aos doentes, no fim não se incomodavam mais e se abandonavam ao cuidado da Providência.

49. ADMOESTAÇÕES

Dom Bosco encontrou em sua mãe a mais ativa e inteligente cooperação para consolidar sua obra nascente.

Não somente, e seria bastante, aliviou-o de maior parte dos cuidados materiais, mas também rejuvenesceu 30 anos, se se pode exprimir assim, para ser aos filhos adotivos a mesma mãe dos Becchi, que de mil maneiras se industriava para corrigir, transformar e levar ao bem o coração dos novos filhos.

Demonstrava cuidados especiais por aqueles que davam trabalho a Dom Bosco.

Se encontra uma destas cabeças desmioladas que nada podia dominar, dizia-lhe à queima-roupa: "Pois bem, quando começará a obedecer? Quase todos aqui se esforçam para melhorar, você não. Isto não pode continuar.

Trate de criar juízo.

Se soubesse quanto é agradável sentir-se estimado por seus companheiros, ver o rosto alegre dos mestres, ter a consciência tranquila"!...

Se era um preguiçoso, admoestava-o assim: "Sabe que seu vício é um dos mais feios? Demonstra que não tem coração.

Dom Bosco se mata procurando com que nutrí-lo e alojá-lo, gasta nisto sua existência.

E você, durante este tempo, não faz nada? Escolheu o caminho mais breve para terminar na cadeia".

É pior que os animais — repreendia a um destes que vivia só brigando — viu por acaso os cavalos, os carneiros, as vacas se andam em briga entre si, como você com seus companheiros?

Estes irracionais são mais inteligentes do que você; não se esqueça

de que quem se vinga, um dia será castigado pelo Senhor".
Aos que comiam até ficar doente: "Que gulão que és.
Os animais comem até satisfazer seu apetite e param.
Tu vais adiante.
Comes sem ter apetite.
É o melhor meio para te arruinar a saúde.
Queres morrer jovem? Queres terminar teus dias num hospital?
Que costume feio.
Trata de te corrigires logo para seres um homem de bem".

50. COLABORADORA

Desde o início, D. Bosco elegeu a consciência de seus filhos como sua principal colaboradora.

Todo o instante apelava para ela, e nada lhe parecia melhor do que ver como eles aceitavam voluntariamente um castigo merecido, chegando até um pôr-se por si mesmo.

Por exemplo: no Oratório andava na boca de todos a frase:

"Qui non laborat non Mangiorat."

Não era raro ver, de vez em quando, alguns destes peraltas, a quem Dom Bosco acabava de chamar a atenção, privar-se de entrar no refeitório e se mortificava a pão e água.

Mamãe Margarida, adivinhando o motivo deste isolamento, aproximava-se do culpado.

"Vejo que fizeste uma das tuas.

Sempre preguiçoso e indisciplinado, não é verdade? Aonde irás acabar, meu filho? Vê como Dom Bosco se mata de trabalho por todos, dia e noite.

Não sentes vergonha de te refocilar na ociosidade comendo o pão que tanto lhe custou?

Na primeira oportunidade pedirás perdão a ele e deves corrigir-te. Prometes-me? Apesar de tudo, toma isto."

E lhe dava um sanduiche.

"E, olha, não digas nada a ninguém.

Far-me-ias representar um papel muito feio.

Dirão que ajudo os malandros."

Comovido até as lágrimas, o culpado aceitava o presente e seu coração, impressionado de tanta bondade, prometia emendar-se.

51. BENFEITORES

Durante o primeiro período da obra nascente, foi o braço direito da casa e, em certas ocasiões, a representante de seu filho.

Dom Bosco estava fora tão amudadas vezes, visitando prisões e hospitais, pregando, subindo e descendo escadas dos ricos palacetes, que em casa fazia falta uma cabeça para dirigir a empresa.

Mamãe Margarida preenchia muito bem esta ausência.

Todos se admiravam que apesar das saídas reiteradas e prolongadas, a obra ia tão bem.

Percebia-se o seguinte: um pensamento prudente, atento, firme, capaz de resolver toda dificuldade, de prevenir todo dano, pairava na casa.

Nada a surpreendia.

Recebia as visitas, tratava com as autoridades, desembaraçava-se dos assuntos mais difíceis, comprava, vendia, negociava com uma simplicidade, com tão fé, com um senso comum tão sólido, que seu filho não teria encontrado outra melhor.

Sem dúvida, até ao fim de seus dias foi a camponesa analfabeta dos Becchi, mas poucos podiam superá-la pela experiência.

Por isto Dom Bosco podia confiar nela com plena tranquilidade.

Os que frequentavam a casa de seu filho, benfeitores, amigos, ou autoridades só sabiam elogiar a valorosa mulher.

52. SÁVIO

Do quarto vizinho, um menino que trabalhava, ou um clérigo que pregava botão na batina, ouvia seu diálogo e perguntava:

Mamãe, com quem discutis vós?

— Com ninguém, meu filho.

Rezava um pouco por todos vocês.

Uma de suas maiores alegrias era descobrir algum menino verdadeiramente piedoso entre os alunos.

— Aqui tens bons meninos, — dizia a Dom Bosco — mas nenhum como Domingos Sávio.

— Como sabe, Mamãe?

— Veja-o sempre rezando.

Fico na Igreja depois das orações em comum, e várias vezes leva para lá seus amigos a rezar o terço.

Todos os dias deixa por um momento o pátio para fazer uma visita ao Santíssimo.

Muitas vezes esquece até de comer para ficar na Igreja.

Junto do Altar está como um anjo.

— Em contraposição — disse Dom Bosco — há outros tão diferentes.

Porém, confiemos em Deus.

— Sim, esperemos.

Na verdade, Mamãe Margarida esperava que mediante a oração, voltariam.

53. TIRO

Por causa de uma grande campanha de imprensa, levada a cabo por Dom Bosco, juraram matá-lo.

Várias vezes foi atraçoeiramente atacado por mercenários, armados pelos sectários, ocultos nas sombras.

Assim é que, num domingo à tarde, quando Dom Bosco, no primitivo telheiro — capela, estava explicando a doutrina aos jovens maiores, um malfeitor, subornado pelos seus inimigos, subindo ao ombro de um companheiro, galgou o muro que rodeava a casa e, pela janela, desfechou um tiro de carabina contra o homem de Deus. A pontaria tinha sido boa, porque a bala passou entre o corpo e o braço de Dom Bosco e foi achatar-se contra a parede fronteira.

Um grito de espanto partiu do peito de todos os jovens que estavam ouvindo a doutrina e depois seguiu-se um trágico silêncio.

Os meninos não queriam acreditar no que estavam vendo e ficaram imóveis, aterrorizados diante do atentado.

“Ora! disse: Dom Bosco, com o melhor de seu sorriso, vamos continuar a lição.

54. MOBIRUNDO

Doutra feita, ao cair da tarde, foram chamá-lo para administrar os sacramentos a um doente da vizinhança.

— Não se incomode, Dom Bosco, disseram-lhe os dois homens que tinham vindo chamá-lo; nós mesmo o acompanharemos.

— Pois não! Mas que quero só proporcionar um pequeno passeio a estes bons moços.

Quando chegarmos lá, eles esperarão na porta.

Em casa do moribundo fictício, Dom Bosco se achou diante uma corja de tipos folgadores que deglutiam copos cheios e fingiam estar comendo castanhas.

— Espera um pouco aqui no andar térreo, disse um dos dois homens, que eu vou preparar o doente.

— Aceita umas castanhas, reverendo? Perguntou um dos bebedores.

— Muito obrigado, não como nada fora das refeições.

— Então um copo de vinho.

— Não costumo tomar nada fora das refeições.

— Ah! Mas essa desfeita é que o senhor não nos faz, disseram todos em côro.

Se não quisesse beber por amor, beberá por força.

E já os gestos começavam a traduzir as palavras, quando Dom Bosco de um salto alcançou a porta e abriu-a.

De fora estavam os quatro rapazes e Dom Bosco os convidou a entrar.

À vista desses moços fortes e robustos, sentaram-se de novo, embaraçados.

O Santo abandonou aqueles lugares e escoltado pelos seus alunos voltou ao Oratório, bendizendo a Deus, por ter podido escapar de semelhante perigo.

55. SARDI

Numa noite de domingo, no verão de 1855, deu-se um atentado quase idêntico.

Mas ainda dessa vez livrou-se, embora não sem ferimento.

Tinha ido uma pessoa pedir-lhe que levasse os sacramentos a uma senhora que morava na casa Sardi, situada na mesma Rua Cotto-lengo, quase em frente ao Refúgio da Marquesa Barolo.

Como a noite estava escura, Dom Bosco, que pouco antes tinha escapadado de uma emboscada, decidiu levar consigo dois companheiros.

— Não é preciso, disse o desconhecido, não é preciso incomodar aos seus meninos, eu mesmo o acompanho.

Essas palavras aumentaram as suspeitas de Dom Bosco e produziram um efeito justamente contrário ao queo homem desejava.

Em vez de dois rapazes Dom Bosco levou quatro, dois dos quais, Jacinto Arnaudo e Tiago Gerruti, eram muitos robustos e corajosos.

A comitiva chegou a uma casa bastante isolada.

Dom Bosco pediu aos circunstantes que se afastassem um pouco para ele poder falar com a enferma mais à vontade e assim prepará-la para uma boa confissão.

Ela começou a vomitar uma torrente de injúrias, contra o cunhado.

Cala-te, miserável infame!

E assim dizendo com um safanão atirou por terra a única vela que havia, ficando o quarto em completa escuridão.

No mesmo instante D. Bosco levou uma bordoadá, que o teria matado certamente se não tivesse atingido o ombro.

Sem perder a calma, tomou uma cadeira e cobriu com ela a cabeça. As pauladas continuaram a descer cerradas sobre esse capacete improvisado que protegia o crânio.

Desse modo pode chegar até a porta; pôs a mão no trinco, atirou a cadeira em cima dos que tinha agredido e achou-se no meio dos dois rapazes que o esperavam.

56. PREOCUPADA

Facilmente se compreende como devia viver preocupada a mãe de Dom Bosco.

Nas noites em que não voltava na hora costumada, ela não dormia. Mandava ao seu encontro alguns dos maiores e não sossegava enquanto ele não chegasse.

Estes quatro anos de angústias sem conta (precisamente os quatro últimos de sua vida) foram os mais duros que conheceu.

Pedia sem cessar aos céus que afastassem a desgraça ou, pelo menos, fizessem aparecer a tempo o socorro.

Deus ouvia esta prece de uma mãe aflita de modo admirável.

Assim, na vida de Dom Bosco vê-se emergir da sombra, ao lado do

Servo de Deus, a cabeça amável de um cão, a que batizaram com o nome de Grígio — em Piemontês l'gris — por causa da cor do pêlo (cinza).

Animal de raça toda original, cão desconhecido, sem beleza mas não sem força, cão que recusava abrigo e comida, que dormia quem sabe onde, cão cuja coleira não revelava nenhum dono, firme nas patas e de presas agressivas contra os bandidos, mas amável como uma criança com os meninos do Oratório e de um olhar bondoso e meigo quando olhava Dom Bosco.

Como é que este o conheceu?

O trecho que ia das últimas casas habitadas até a de Dom Bosco era um trecho perigoso.

Já sabemos que o Oratório se encontrava em pleno campo, no meio de terrenos baldios onde cá e acolá, surgia uma casa ou um albergue de péssima categoria.

Terreno acidentado, atravessado pelo Rio Dora, e em que se encontravam a cada passo muitas espessas, plantações de amoreiras e de acácias.

Precisamente por ser um terreno assim cheio de altos e baixos e com essa vegetação irregular, oferecia aos malfeitores o mais cômodo esconderijo para esperarem de emboscada as suas vítimas.

Mamãe Margarida mais de uma vez tinha ficado sobressaltada ao ver que o filho tardava a voltar a casa.

Que é que o o poderia defender de noite naquele trecho tão perigoso? A Divina Providência veio em seu auxílio.

57. "GRÍGIO"

Numa noite de outono, apenas Dom Bosco passara além do manicômio que estava na extremidade da cidade, apareceu-lhe um molosso, que foi caminhando sempre a seu lado.

O primeiro movimento de Dom Bosco foi dar um passo para trás assustado; mas depois que percebeu que o animal era muito dado e aceitava as carícias que lhe fazia, continuou tranquilamente o seu caminho.

Ao chegar ao Oratório o animal fez meia volta e partiu com passo tranquilo.

O fato se repetia todas as vezes que D. Bosco tinha que voltar tar-

de para casa em companhia; o fiel animal esperava-o numa curva da estrada ou numa encruzilhada solitária e lhe fazia a mais amável das companhias.

58. PISTOLA

E essa companhia não deixou de ter sua utilidade mais de uma vez.

Uma noite de inverno, Dom Bosco ia voltando para casa muito tarde.

Ao passar pela avenida Regina Margherita, um homem escondido detrás de uma árvore, descarregou-lhe à queima-roupa dois tiros de pistola.

Felizmente detonou sómente a cápsula.

Então o assassino se atirou sobre Dom Bosco, para matá-lo quem sabe de que maneira.

E o teria de certo estragulado ou prostrado a cacetadas.

Mas naquele momento ouviu-se um uivo pavoroso e um animal saltou furiosamente contra o agressor.

O celerado mal conseguiu fugir, enquanto Dom Bosco, voltando a si do susto que levava, acariciava com gratidão o pêlo do fiel amigo.

59. "CONSOLATA"

Doutra feita, numa rua escura das imediações da Consolata, Dom Bosco viu que o precediam dois homens de má catadura, os quais — era evidente — regulavam o passo pelo seu.

"Estou bem aranjado!" pensou Dom Bosco; e voltou atrás para entrar de novo na cidade e pôr-se a salvo de qualquer perigo.

Ao ver isso os dois precipitaram-se por cima dele e lhe cobrindo a cabeça com um saco.

Dom Bosco, à força de se debater conseguiu desembaraçar-se dessa capa indesejável, mas então o mais robusto dos dois amordaçou-o tão rigorosamente que foi impossível gritar socorro.

E estava para cair completamente nas mãos dos dois malfeitores, quando se ouvia pertinho um terrível latido: era o Grégio.

Num bater de olhos livrou o dono e este, desvencilhando-se da mordaça, viu um dos agressores fugir a toda a brida, enquanto o

outro, atirado por terra, estava completamente dominado pelas presas do animal que o agarrara pela garganta.

“Chame o cão” gritava desesperado, “chame o seu cão depressa”.

— “Se o senhor prometer que há de ser bom daqui por diante.” {

— Prometo tudo o que o senhor quiser, disse o malfeitor que já não aguentava mais.

Então Dom Bosco chamou o animal e ele soltou a presa.

O bandido fugiu vertiginosamente.

60. MERCADO

Noutra circunstância o bom cão dominou toda uma quadrilha.

Dom Bosco tinha penetrado na alameda deserta, que acompanhando as últimas casas da cidade, o conduzia do “mercado de Porta Palazzo à sua habitação.

Era noite adiantada.

De repente apontou num canto escuro um indivíduo, que avançou para ele brandindo um cacete.

Dom Bosco, nessa idade, corria ainda muito bem, mas o agressor tinha pernas inda melhores, de sorte que num instante o alcançou.

Dom Bosco então, passando decididamente para a ofensiva, como o fizera em Moncalieri, aplicou-lhe um formidável soco na boca do estômago, e o fez cair por terra gritando de dor.

A esse grito, surgiram de todas as moitas vizinhas indivíduos que estavam de atalaia para aparecer em caso de necessidade.

Dom Bosco se viu perdido: mais alguns segundos e o teriam assassinado. . . se não fosse o latido do Grégio que se fez ouvir de repente.

Em poucos saltos ei-lo presente.

Pôs-se a girar para lá e para cá em redor de Dom Bosco uivando de modo terrível e mostrando uns dentes que faziam arrepiar.

E os malfeitores, um a um, se dispersaram nos campos vizinhos.

61. SOLEIRA

Curioso esse animal, cujo procedimento variava conforme as circunstâncias.

Uma tarde, em vez de escoltá-lo na forma costumeira, impediu decididamente que Dom Bosco saísse de casa.

Estendeu-se na soleira da porta e não houve o que pudesse obrigá-lo a sair.

Foi a primeira vez que mostrou os dentes para o seu dono; e viu-se que, se fosse preciso tê-lo-ia empurrado com toda a força do peito para dentro de casa.

Antes de chegar a esse extremo, contentava-se de rosnar com os dentes bem cerrados.

Se não quer ouvir a mim, atenda ao menos a esse animal que está demonstrando mais juízo do que você", disse Mamãe Margarida ao filho.

Dom Bosco atendeu.

E foi bom, porque de aí a menos de quarto de hora chegou um vizinho dizendo que não se afastasse de casa de maneira alguma, porque tinha surpreendido uma conversa na qual se falava evidentemente de um atentado que lhe estavam preparando.

O Grégio desapareceu um dia juntamente com as perseguições secretárias que desanimavam pelo cansaço e por medo das suas terríveis prêsas.

Podia se retirar do cenário, pois os dias do apóstolo já não eram ameaçados.

Terminara sua missão.

Na história dos fenômenos sobrenaturais permanecerá como um belo exemplo daquilo que uma mãe desvelada pela vida de seu filho pode obter do coração de Deus.

62. AJUDA

Nos capítulos anteriores, a vida de Mamãe Margarida se confundia, por assim dizer, com a do seu último filho, João, o apóstolo da juventude pobre e abandonada que um dia a Igreja poria em seus altares e se chamaria São João Bosco.

Quando u'a mãe cristã tem a insigne honra de ofertar um dos seus filhos ao Senhor, não é raro vê-la terminar seus dias debaixo do teto deste filho.

Quase sempre é o único refúgio que se lhe abre espontaneamente na velhice.

Como se enganam aquelas mães que, ao receber a primeira confi-

dência da vocação de seu filho, exclamam: "Vais abandonar a tua velha mãe?"

Como se os filhos que se casam não as abandonassem. . .

Estes vão fundar um novo lar no qual, nem sempre haverá a acolhida benévola que um coração de mãe podia esperar, pois é necessário afirmar dos dois amores que afastam os filhos do coração materno: o amor às almas e o amor às criaturas, o mais ciumento, o mais exclusivo, o mais absoluto, não é o amor do apóstolo.

Todavia, se não deixamos entrever bem, devemos declarar que Mamãe Margarida não veio a Turim buscar um refúgio para os dias de sua velhice.

Alama abnegada, foi, pelo contrário, trazer a ajuda necessária ao seu apostolado.

Poderia descansar nas casas dos dois outros filhos.

Ou sozinha na solidão tranquila dos Becchi, no meio de suas recordações! Aqui, pelo contrário, deveria trabalhar dia e noite.

A vocação de seu filho tão bem defendida, por 15 anos em Castelnuovo, chegaria, graças aos seus auxílios, ao pleno desenvolvimento.

Que vida admirável de abnegação desta mãe cristã!

63. DIZIMO

Sua preocupação principal era a casa de Dom Bosco, mas no coração de Mãe havia lugares também de primazia para os outros dois filhos.

Ambos estavam bem colocados.

Do mais velho, Antônio pouco sabemos, tão só que logo depois da repartição dos bens de família, casou-se pelos arredores e criou uma numerosa família.

Continuando com seu forte carácter, não teve muitos amigos, todavia viveu como um bom cristão, honesto, leal e justo, segundo a afirmação geral dos seus contemporâneos.

A educação ministrada pela mãe, despertou nele poucos sentimentos bons que foi possível tirar da sua natureza ingrata.

Pelo contrário, o segundo filho foi para Mamãe Margarida e Dom Bosco o filho perfeito, o irmão ideal.

Casou-se moço, teve um casal de filhos.

Seus negócios prosperavam, seus modestos bens de fortuna permitiam-lhe levar a seu mano em muitas circunstâncias, apreciável ajuda material.

Durante a colheita e a vindima não só reservava de seu um "dízimo" para os filhos de Dom Bosco, mas também recorria aos amigos vizinhos e conhecidos levando assim, por anos e anos, com boa ou má colheita, várias carroças de comestíveis ao Oratório São Francisco de Sales.

Durante o outono, ajudava a hospedar nos Becchi, a 30, 50 ou 100 meninos que Dom Bosco levava para gozar as férias.

E nunca aceitou um só centavo como retribuição de tão grande benefício.

64. PRESENTE

Um dia de mercado em Moncalleri, perto de Turim, chegou até ao Oratório para cumprimentar seu irmão.

Neste dia Dom Bosco estava em apuros, devia retirar do Banco uma "promissória", ao meio-dia, e não tinha nada na caixa.

Sem a menor intenção e só para desabafar, confiou sua angústia a José.

"Pelo que vejo, tu tens maiores necessidades do que eu — disse-lhe José.

Pensava voltar esta noite a Chieri com duas novilhas.

Trouxe 300 liras para comprá-las.

Dou-te este dinheiro.

— De modo nenhum.

O dinheiro é para comprar as novilhas.

— Não.

— De boa vontade privo-me delas.

— Bem.

Aceito a quantia em empréstimo.

Quando puder te devolverei.

— Quando puderes? Pobre João, nunca poderás! É melhor que aceites como presente.

E as trezentas liras passavam do bolso do segundo ao do menor dos filhos de Margarida.

As sólidas virtudes deste cristão conquistaram-lhe a estima de todos que o conheceram.

Não havia divergência familiar que não fosse resolvida amigavelmente por este árbitro de paz.

Poucas semanas depois, José, se acamou com uma febre brutal: em pouco tempo estava às portas da morte.

65. PREDESTINADA

A obra de mãe e do filho, abençoada por Deus, havia progredido maravilhosamente desde 1846.

A princípio era um simples grupo de meninos a quem ensinava o catecismo; este grupinho se transformou em patronato e este, por sua vez, cresceu, cresceu. . .

Por todo um ano procurou-lhes um abrigo, e quando encontrou o lugar, todas as engrenagens se puseram em movimento.

Especialmente as aulas noturnas que atraíam e conservavam perto de Dom Bosco uma juventude sempre mais interessada.

Entre sua clientela havia infelizes a quem espreitavam a miséria e o vício; era necessário abrigá-los.

Eis que surge, em embrião, o internado.

Não era completo no começo.

Dom Bosco mandava-os trabalhar fora, pois lhes faltavam mestres para os pequenos que queriam estudar.

Logo que pode, montou as oficinas e começou com as aulas regulares.

Par isto gastou 5 anos de trabalho.

Em 1852 em vez da humilde capela na casa Pinardi, Dom Bosco já erigira uma igreja a São Francisco de Salas na qual cabiam uns 600 meninos.

Por fim, a casa Pinardi desapareceu, para dar lugar a um magnífico prédio de dois andares, no qual mais de 150 meninos se obrigavam, sustentados por Dom Bosco, enquanto faziam seus estudos ou trabalhos nas escolas profissionais.

Parecia que o braço direito de Dom Bosco em todos os dias, sua querida e velha Mãe, que se tornara a mãe de todos aqueles pobres meninos, esperava apenas que a Obra se tivesse estabelecido definitivamente para deixar esta vida em que tanto havia sofrido.

66. VIÁTICO

Era bem a interpretação das disposições do céu, pois que Deus permitiu que uma pneumonia dupla a conduzisse em poucos dias à tumba.

Era o fim do mês de novembro de 1856.

Sua constituição piemontese robusta lutou ainda mais de uma semana contra a doença, mas por fim esta triunfou.

No dia 24 de novembro, o teólogo Borel, seu confessor, administrou-lhe o Santo Viático; os dois filhos estavam à sua cabeceira esmagados pela dor.

A casa inteira rezava; uma onda de tristeza invadia o coração daqueles meninos, os quais tinham nela encontrado uma ternura que a morte agora ia arrebatá-la.

Quando a "mulher forte" percebeu que havia perdido toda a esperança, chamou seus dois filhos e lhes determinou seus últimos desejos.

"Deixo os cuidados materiais da casa — disse a Dom Bosco — em outras mãos.

Meu conselho é: em tuas empresas nunca procures o brilho, o esplendor; mas acima de tudo a glória de Deus; na base sua pobreza. Não te esqueças que o melhor ensinamento consiste em fazer aquilo que se exige do seu próximo.

Recomendo-me às orações de todos.

Logo que chegar ao céu, pedirei sempre por tua obra".

"E para ti, José, vela atentamente para conservar teus filhos nas condições que Deus os colocou, salvo se quiserem consagrar-se a Deus no estado sacerdotal ou religioso.

São lavradores e lavradores devem ser.

O que interessa é que ganhem o pão honradamente.

Se mudam de condição, será para esbanjar o pouco que receberam.

Continua fazendo quanto podes em favor do Oratório.

A virgem Santíssima te recompensará um dia".

Alguns minutos antes do Viático e da Extrema Unção disse: "Antes era eu, João, quem te ajudava a receber os Santos Sacramentos, agora és tu que ajudas tua velha mãe a receber os últimos confortos de nossa santa religião.

Reza comigo as orações dos moribundos. . . como vês, respiro com dificuldade.

Dize-as em voz alta, eu as acompanho em espírito”.

Por fim chegou a grande noite.

Sua ternura se manifestou mais intensamente nesta hora suprema.

Às três horas da manhã D. Bosco ouviu os passos do seu irmão que se dirigia a seu quarto.

Compreendeu e abriu a porta.

Os dois irmãos se entreolharam em silêncio.

Em seguida romperam em soluços que causavam pena aos que presenciavam.

Duas horas depois Dom Bosco saía do Oratório em companhia de um de seus alunos maiores.

Lá na Consolata, a igreja preferida por sua mãe, para rezar missa pelo repouso eterno da alma dessa humilde cristã, cuja abnegação escondida tinha-o livrado de tantas preocupações.

“E agora, — disse à SS. Virgem Consoladora, antes de deixar o seu santuário — cabe a vós ocupar o lugar que Mamãe deixou vazio.

67. SANTUÁRIO

Uma manhã radiante de agosto de 1860, talvez 5 de agosto, dia de nossa Senhora das Neves, Dom Bosco atravessa a praça da Consolata.

Vai entrar no Santuário tão caro à piedade dos turinenses, quando, de repente, a dois passos da porta do templo, divisa sua mãe.

Alucinação?

Sonho? Aparição? Fica extático.

Para sair-se daquele embaraço pergunta à visão:

— A senhora aqui? Não tínheis morrido?

— Sim; e apesar disto estou viva.

— Feliz?

— Mais do que se pode exprimir.

Não há sombra de dúvida.

As feições, os gestos, o tom da voz, são de sua mãe.

E continua o diálogo:

— Depois de vossa morte, entrastes logo no Paraíso?

— Não.

— Podeis revelar-me algo das alegrias da outra vida?

— Impossível.

— Ao menos, dai-me uma idéia, por pequena que seja de vossa felicidade.

Então a visão se transformou-as faces da humilde mulher, resplandeceram.

Suas roupas adquiriam um brilho maravilhoso.

Todo seu aspecto revestiu-se de uma majestade sem igual.

Ao seu derredor um ruflar de asãs, de legiões de espírito celestes.

Entreabre os lábios e deixa escapar um canto melodioso que arrebatava o filho que a escuta.

Dom Bosco permanece alí, embriagado, mudo, absorto.

Por fim, dos lábios da mãe saem estas últimas palavras:

“Espero-te porque tu e eu somos inseparáveis.”

A visão desaparece aos poucos, depois deste chamado rico de esperança e cheio de ternura.

68. SEIVAS

O leitor que teve a paciência de seguir tudo até aqui, de certo, averiguou que a pessoa, doada totalmente a Deus, além de se enriquecer, em todos os mais nobres sentidos — só pode enriquecer, outrossim, a coletividade.

I — “A Igreja não pode e nem deve ignorar que à escolha do celibato-feito com humana, cristã prudência e responsabilidade, — preside a Graça, que não destrói e nem violenta a natureza, mas eleva e lhe dá capacidade e vigor sobrenaturais.

oOo

II. A presença junto das famílias, do padre, que usa integralmente o próprio celibato, sublima a dimensão espiritual de cada amor digno deste nome.

oOo

III. Separado do mundo, o padre não se separa do povo de Deus,

porque é tal a bem dos homens, consagrado inteiramente à caridade e à obra, pela qual o escolheu Deus Nosso Senhor.

oOo

IV. A virtude do padre é um bem de toda a Igreja, é uma não humana riqueza e glória que redunda em benefício, “na edificação de todo o povo de Deus.”

oOo

E por último, seguindo a costumeira já tradição, com bases em longas e muitas experiências seguem umas sugestões, que só podem favorecer a “Verdade para a inteligência, a Moral que acresce no coração a CARIDADE e conserva a Liberdade da ação, determinando-lhe seu uso”, a facilitar a REALIZAÇÃO DO HOMEM, bem como sua felicidade terrena e ETERNA.

A) PARA O CORPO: a) Repouso não menos de oito horas, por dia se possível, das 21 às 23 horas, sem prejuízo das conveniências sociais, etc.

b) Alimentação frugal e sadia, sendo possível em horas determinadas e não mais de quatro vezes por dia, respeitando ambiente, etc.

c) Traje simples e sempre edificante.

d) Asseio cuidadoso, evitando o exagero, dispensando os cosméticos; pois a Graça exorna mais que tudo.

B) ALIMENTO DO ESPÍRITO: a) Todos os dias: orações da manhã-meditação — Missa e Comunhão — Visita ao Ss. Sacramento-Leitura Espiritual Jaculatórias-Comunhão Espiritual — Santo Terço Orações da noite — Arrependimento, etc.

c) Todas as semanas: funções paroquiais-jejum na 6a. feira — abstinência no sábado, ou outras renúncias mortificadas ou ações humildes;

c) Todos os meses: confissão frequente — recolhimento de um dia, com Exercício da Boa Morta.

oOo

- C) AMBICÕES REAIS: a) desapego dos bens, embora economia e cuidado de tudo;
b) renúncia da própria vontade, pela submissão respeitosa à autoridade;
c) Vida do Espírito, mortificando os sentidos externos, a fantasia e o coração.

Como a Graça não destrói a natureza, mas a aperfeiçoa, assim todas as conquistas da natureza só devem favorecer a GRAÇA para que o homem "viva mais abundantemente" a vida que Cristo possibilita a todos os homens, que cultivam o respeito ao PLANO DIVINO: "Sede perfeitos com o Pai que está no Céu."

oOo

"Deus criou o mundo e o entregou às suas criaturas."

— PAULO VI —

"Então foi que, num dia immoderado,
Eu abri do Evangelho as folhas de ouro,
E quanta luz, quanto amor, meu Deus!

— D. Aquino —

PRECES

A São João Bosco

Ó S. João Bosco, que amastes com amor de predileção a bela virtude de pureza, inculcando-a com os vossos exemplos, palavras escritos; fazei que nós também, levados por virtude tão indispensável, a pratiquemos, constantemente, difundindo-a com todas as nossas forças.

Assim seja.

oOo

A São Domingos Sávio

Angélico Domingos Sávio, que na Escola de D. Bosco, aprendeste a seguir os caminhos da santidade juvenil, ajuda-nos a imitar-te no amor a Jesus, na devoção a Maria, no zelo pelas almas; e faz que, praticando também nosso propósito de morrer antes que pecar, alcancemos a eterna salvação. — Assim Seja.

oOo

A Maria Auxiliadora

Maria Santíssima Auxiliadora, Mãe de bondade e de misericórdia que muitas vezes, com o vosso patrocínio, livrastes o povo cristão dos assaltos do demônio e da barbárie. . . livrai, eu vô-lo peço, a minha alma dos assaltos do demônio, do mundo e da carne, e fazei com que eu possa em todo tempo obter completa VITÓRIA sobre os inimigos de minha alma.

Assim seja.

A M D G

oOo

FIM

SECRETARIA DO VATICANO (1)

Vaticano, 24 de Abril de 1979

Revdo. Senhor

Foram oportunamente recebidos pelo Sumo Pontífice os escritos que quis enviar-lhe. . .

Ao desempenhar-me do encargo de exprimir-lhe o agradecimento do Santo Padre. . . lhe desejo todo bem, com os favores de Deus para a sua pessoa e atividades sacerdotais.

Aproveito a oportunidade para lhe manifestar consideração em Cristo.

D.J. Caprio
(Subst. Cardeal)

Revdo. Senhor

Pe. Osvaldo Venturuzzo

"BOM JESUS"

78.400 – BRASIL-MT

oOo

(1) A essas linhas datilografadas, unia-se uma linda estampa (foto) com embaixo e no verso cópia da assinatura de João Paulo II, data e "totus tuus" autógrafadas.

“... em nenhuma ocasião como na hora atual se faz sentir tão profundamente a necessidade de propor às mães de família um luminoso atraente modelo de mulher, humilde, forte espelho de virtudes cristãs e de sábio govêrno da casa. . .

oOo

“... a figura admirável de Mãe Margarida não somente poderia suscitar uma onda de nobre simpatia, mas também despertaria uma verdadeira porfia de imitação. . . entre as mães. . .”

— 12 CGFMA

oOo

“Se Dom Bosco é D. Bosco, ele o deve, depois de Deus, à sua mãe. . . Tornai-a conhecida. . . será um exemplo”.

— Card. A. Caggiano